

IMPRESSO

Pesquisa revela o perfil dos alunos da UFRGS

Levantamento detalhado mostra quem são, de onde vêm e para onde vão os alunos de uma das maiores universidades públicas do país **PÁGINA 3**

Sucesso na Brasiltec



Produtos e processos desenvolvidos na UFRGS foram apresentados no II Salão de Inovação Tecnológica, em São Paulo **PÁGINA 5**



FOTOS RICARDO DE ANDRADE/RENI JARDIM

Psicologia e IPH, de aniversário

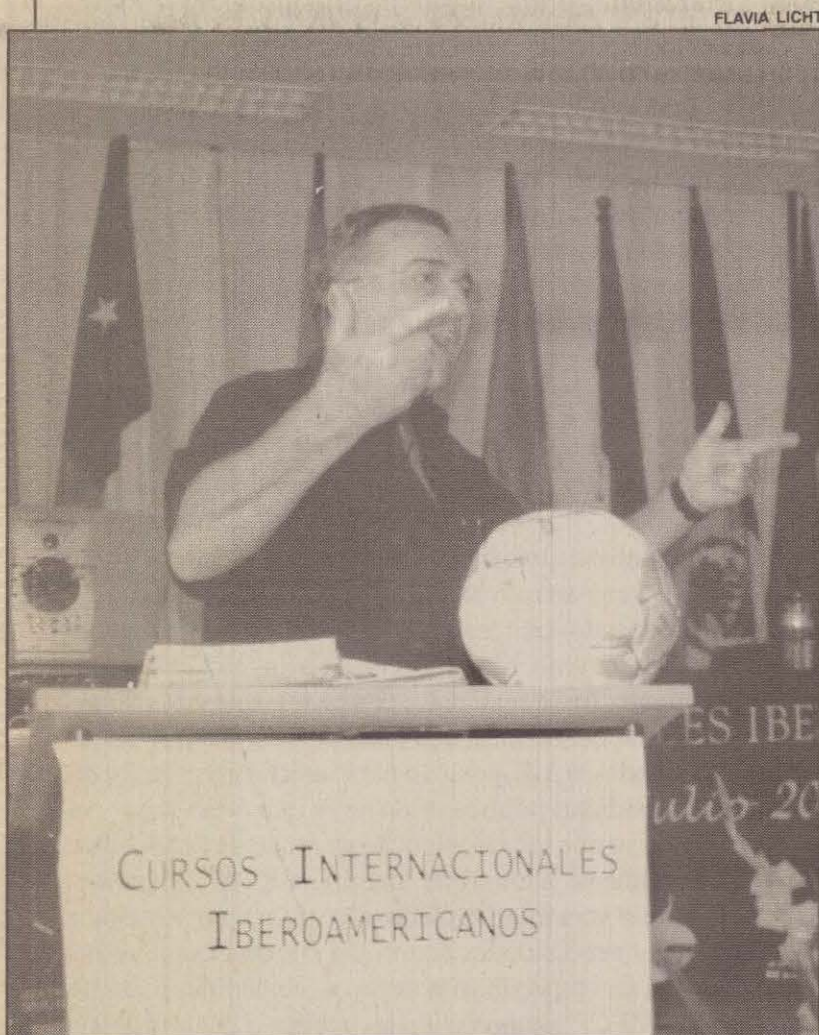


IPH completa 50 anos e Psicologia chega aos 30 **PÁGINA 9**

Reitores da Andifes analisam encontro com Lula

Seis reitores de universidades públicas de diferentes regiões do Brasil avaliam encontro com o Presidente e comentam propostas apresentadas

PÁGINAS 6 e 7



FLAVIA LICHT

Ibero-americanos conhecem o Brasil a partir de uma visão de Porto Alegre

Brasil foi tema de estudo nos Cursos Internacionais Ibero-americanos realizados em Cáceres, na Espanha, durante a Semana Brasileira, que teve enfoques variados sob o título "O Brasil desde Porto Alegre"

PÁGINA 4



RICARDO DE ANDRADE

Universidade na Expointer

UFRGS realiza atividades conjuntas com a Emater e com a Fepagro - **PÁGINA 10**

Desenvolvimento é o grande desafio para o Mercosul

Conclusão é do seminário Unesco-Clacso-UFRGS, realizado em agosto - **PÁGINA 5**

Reitores avaliam encontro com Lula

As propostas que a Andifes levou a Brasília no dia 5 de agosto e a recepção aos reitores de universidades públicas federais por parte do presidente Luiz Inácio Lula da Silva são comentadas por cinco desses reitores na página central desta edição.

Os Cursos Internacionais Ibero-americanos 2003, realizados em Cáceres, na Espanha, no mês de julho, pelo Centro Extremeño de Estudios y Cooperación con Iberoamérica, dedicaram um de seus módulos ao Brasil. Durante a Semana Brasileira, diversos palestrantes deram sua visão do país, sob o título *O Brasil desde Porto Alegre*. Veja por que na página 4.

Produtos e processos inovadores desenvolvidos na UFRGS fizeram sucesso no II Salão e Fórum de Inovação Tecnológica e Tecnologias Aplicadas nas Cadeias Produtivas, realizado em São Paulo, de 29 de julho a 2 de agosto, e visitado por 85 mil pessoas. Está na página 5.

Eles são mais de dezoito mil na graduação, mais de cinco mil na pós-graduação. No ensino médio (Colégio de Aplicação) e no técnico (Escola Técnica), são mais de mil. Mas quem são esses alunos e o que pensam da Universidade onde estudam? Foi para responder a essas perguntas que a Administração Central encomendou pesquisa que entrevistou mais de três mil desses alunos. Detalhes na página 3.

Foram quatro meses de reuniões e debates nas 27 unidades acadêmicas, na Escola Técnica e no Colégio de Aplicação. Mas valeu o esforço: a Universidade selecionou as 19 demandas que farão parte do segundo ciclo de avaliação institucional. Leia na página 8.

Parabéns ao Instituto de Pesquisas Hidráulicas e ao Curso de Psicologia, que estão de aniversário. O IPH fez 50 anos, inaugurando placas comemorativas e lançando coletânea de depoimentos e fotos, enquanto o Curso de Psicologia fez 30, com uma semana de festa e homenagem aos professores aposentados e aos ex-diretores. Página 9.

Simples, barato e rendoso: as frutas se desenvolvem, as abelhas fazem mel e os carneiros mantêm a área limpa. Essa proposta de fonte de renda alternativa para pequenos agricultores foi apresentada e demonstrada pela UFRGS, juntamente com a Fepagro e com a Emater, durante a Expointer, em agosto, no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio. Saiba tudo sobre os Caminhos da Integração na página 10.

E como era a relação do escritor Caio Fernando Abreu com a crítica? Nada fácil, como conta Luis Francisco Wasilewski, estudante de Letras, que na página 11 faz um relato da reação de Caio diante dos críticos e da vida. Por fim, na página 12, o escritor Moacyr Scliar conta sua vida e revela que, numa certa etapa, teve que optar entre escrever ou ver televisão. E eliminou os aparelhos de TV na casa.

Boa leitura.

ESPAÇO DA REITORIA

O perfil da diversidade

WRANA MARIA PANIZZI
Reitora

A pesquisa "Perfil e Representações dos Estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul", oferece à sociedade e aos meios acadêmicos uma boa oportunidade de reflexão. Os dados ali reunidos revelam, antes de mais nada, que a UFRGS é uma instituição marcada pela diversidade social. Cerca de 50% dos nossos estudantes pertencem a famílias com renda igual ou inferior a dez salários mínimos, e 55% deles exercem algum tipo de atividade remunerada. Estes números mostram, de maneira eloquente, que frequentar uma universidade pública não é, como acreditam alguns, privilégio das camadas economicamente mais ricas da população.

Aliás, cabe lembrar aqui outro estudo, também divulgado recentemente, realizado com base em dados coletados pelo IBGE em 2001, mostrando que, enquanto 34% dos estudantes universitários brasileiros pertencentes a famílias situadas entre as 10% mais ricas do país estudam em instituições públicas, 50% deles estudam na rede particular – e ainda que, enquanto 12% dos universitários pertencentes a famílias situadas entre as 50% mais pobres do Brasil estudam na rede pública, apenas 6% estudam na rede particular. Estes e outros números, além de contradizerem o suposto "elitismo" do nosso sistema público de educação superior, demonstram mais uma vez que o problema do acesso à educação superior encontra suas razões mais profundas na brutal desigualdade social existente em nosso país.

Outro dado interessante recolhido pela pesquisa realizada pela UFRGS revela que

metade dos nossos atuais estudantes, ao concluir seus cursos de graduação, estará superando o nível de escolaridade alcançado por seus pais, o que testemunha que a educação superior pública é promotora, sim, de mobilidade social – inclusive em nossa universidade, localizada em uma das regiões mais ricas e menos desiguais do Brasil.

O perfil dos estudantes da UFRGS, tanto com relação aos números acima comentados como a outros, é motivo também para muitas inquietações. Comparando-se os dados colhidos ao longo dos últimos anos, constata-se que um número crescente de estudantes da UFRGS precisa trabalhar para poder dar continuidade aos seus estudos: 44% em 1998, 55% em 2002. Constata-se também que vem diminuindo a proporção de nossos alunos originados da rede pública de ensino médio: 50% em 1994, 44% em 1998, apenas 40% em 2002.

Diante desses números, as universidades e sobretudo os governos e a sociedade não podem ficar indiferentes. Se não tivéssemos outras razões para tanto, eles por si mesmos justificariam a proposta apresentada pela ANDIFES, em agosto, ao presidente da República, visando à expansão e modernização do sistema público federal de ensino superior. A universidade pública precisa ser fortalecida, para se transformar, para crescer e para avançar na boa direção, democratizando o acesso ao conhecimento, formando bons profissionais e cidadãos, promovendo a mobilidade social e a inclusão social duradoura.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Av. Paulo Gama, 110, Porto Alegre/RS/Brasil
CEP 90.046-900
Fone: +55 51 3316-7000
Fax: +55 51 3316-3176
homepage internet: <http://www.ufrgs.br>
e-mail reitoria: reitora@vortex.ufrgs.br

ADMINISTRAÇÃO

Reitora
Wrana Maria Panizzi
Vice-reitor
José Carlos Ferraz Hennemann
Pró-reitor de Ensino
José Carlos Ferraz Hennemann
Pró-reitor Adjunto de Graduação
Norberto Hoppen
Pró-reitora Adjunta de Pós-graduação
Jocélia Grazia
Pró-reitor de Pesquisa
Carlos Alexandre Netto
Pró-reitor de Extensão
Fernando Setembrino Cruz Meirelles
Pró-reitora de Planejamento e Administração
Maria Alice Lahorgue
Pró-reitor de Infra-estrutura
Hélio Henkin
Pró-reitor de Recursos Humanos
Dimitrios Samios
Secretária de Desenvolvimento Tecnológico
Maria Alice Lahorgue
Secretário do Patrimônio Histórico
Christoph Bernasiuk
Secretário de Assuntos Estudantis
Angelo Ronaldo Pereira da Silva
Secretária de Avaliação Institucional
Ana Maria Braga
Procurador-geral
Armando Pitrez
Chefe de Gabinete
Carmem Regina de Oliveira

Apoio - Agência Universidade Federal do Banco do Brasil

Cáceres que não vamos esquecer

RUY CARLOS OSTERMANN

Jornalista

Fazia muito tempo que não tinha esse sentimento, nem tão vago, de que é muito bom ser outra vez um universitário. Já fui, por pouco tempo, assistente do professor Ernani Maria Fiori. E fui aluno, e conspiramos, fizemos greve, denúncias, e estudei bastante os pré-socráticos e terminei como tinha começado antes, como jornalista de algumas letras, um leitor e discípulo de Sartre.

Éramos muito franceses, os espiritualistas que o professor Fiori indicava para que fossem lidos nos seminários da cadeira de Introdução à Filosofia era em francês que se lia, embora nos desobrigassem depois para uma discussão em português, a língua que, não contendo o Ser, como denunciava o Vilem Flusser, não era lá muito filosófico. Também se discutia tudo isso.

Era muito bom ser assim na década de 60, fomos heróis, presos políticos e desatinados. Agora, na viagem para Cáceres, não foi tanto, mas comigo era, em segredo, nas anotações, naquele velho sentimento de sala-de-aula e pensamento libertador. Não disse nada para a reitora Wrana Panizzi e nem me perguntou o que poderia estar sentindo, queria saber apenas se seria capaz de reproduzir para os estudantes do curso de férias da Universidade da Extremadura um tipo de pensamento que sempre intrometo nos textos e nas falas. Meu defeito de universitário, que nunca soube corrigir.

- Acho que ainda posso, reitora, respondi.

- Ótimo, me respondeu.

E daí para a frente só pude vê-la tomando decisões, acelerando as pessoas, batendo no ombro para se certificar que o ânimo ainda estava redobrado. Fizemos uma reunião no seu gabinete, estavam quase todos, e o compromisso de falar do que poderíamos ser como correspondentes a essa nossa extremadura meridional ficou estabelecido. Estava entrando na sala-de-aula outra vez. Cáceres é um encanto de lugar no verão em que chegamos. Uma universidade, 80 mil habitantes, uma cidadezinha simples e arredondada no declive, uma imponente cidade moura e medieval no topo do morro. Foi onde se bebia cerveja amarga e se imaginava o século II. A pura luminosidade que no Mediterrâneo tinha provocado as primeiras questões sobre a Metafísica parecia ainda mais intensa nos campos regulares e secos com oliveiras podadas em elevações modestas, mas sem transcendência: ali estavam os alunos espanhóis, portugueses, italianos, argentinos, chilenos, dois alemães jovens mas severos na frase e no olhar, e outros que chegaram nos últimos dias sem remorsos e muita atenção.

Foi a primeira conquista brasileira em Cáceres:

Uma reunião com o Presidente

ALEX FIUZA DE MELLO

Reitor da Universidade Federal do Pará

No último dia 5 de agosto, a pedido da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior – Andifes, reuniu-se o Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, com 51 Reitores e Dirigentes máximos das Ifes, juntamente com o Ministro da Educação e o Secretário da Educação Superior do MEC.

Realizada na sala de audiências do Palácio do Planalto, esta reunião tinha por pauta um único tema: a relação das Instituições Federais de Ensino Superior com o Governo Lula e a entrega, ao presidente, de um Protocolo de Intenções entre Andifes e MEC definindo, de um lado, metas a serem cumpridas pelas Ifes nos próximos quatro anos e, de outro, a contrapartida governamental necessária, envolvendo recursos financeiros e de pessoal. Dito em outros termos: o que as Universidades públicas federais *podem* fazer pelo país e o que o Governo Federal *deve* fazer pelas Universidades.

Deste encontro inédito e histórico – já que não se tem notícia de evento semelhante nas últimas décadas – há que se perguntar, em tons realistas: qual o saldo positivo? O que esperar da ação governamental nos próximos anos em favor do ensino superior público?

Primeiramente, não se pode desconsiderar o simbolismo do próprio fato em si: o Presidente da República se dispôs a ouvir e falar aos Reitores em audiência exclusiva, com duas horas de duração, exatamente no momento crítico em que, no Congresso Nacional, votava-se a reforma da Previdência.

Em segundo lugar, dividiu com os Reitores suas preocupações para com o futuro do país, seus principais desafios, reafirmando que o papel das universidades públicas é insubstituível e estratégico à construção de um projeto nacional, e que reconhecia que nenhum país havia se desenvolvido na modernidade sem um forte investimento em educação, ciência e tecnologia.

Diante desse quadro, adiantou que, em seu Governo, as Ifes terão de crescer em número de vagas, em qualidade e em serviços comunitários (como a luta contra o anal-

fabetismo, o interesse, a curiosidade da jovem plateia. Acabaram nas avaliações que deixaram por escrito depois exaltando o nosso entusiasmo e veemência (o Enéas, distraído, empolgou-se porque entendeu que disseram demência...), que de fato todos tínhamos, mas também a forma coordenada e conseqüente com que cada um de nós reconduziu o companheiro da véspera anunciando o que seguiria à tarde, o que foi uma conquista alegre e espontânea que conseguimos, sem muita conversação, só no ouvido e no olhar. Repito: foi o sentimento de uma sala-de-aula ininterrupta.

A Wrana abriu o curso e disparou outro sentimento em todos que ouvíamos: a senhora Reitora, com juvenil entusiasmo, estava reabilitando seu primeiro Atlas escolar e com ele foi confirmando que há muito tempo, e de forma sempre amorosa, todos estavam respondendo a uma pergunta interminável sobre a nossa identidade regional e brasileira. Uma espécie de provação e desafio. Foi brilhante e, percebi, por mim que pensava em como demonstrar que somos também o que o futebol e as artes populares fizeram de nós, que estávamos na abertura de uma experiência bem mais que acadêmica. Talvez decisiva, se se considera que todas as decisões não devem ser menores do que a circunstância em que elas podem ser feitas. Foram manhãs, tardes e noites de proximidade e descobertas, cada um guardando com sua ciência o trunfo de uma pequena aventura à frente daqueles jovens curiosos e solidários.

Lembro de almoços na cantina com direito a um copo de vinho tinto, um pouco áspero mas honesto, protegidos por D. Miguel Rojas Mix, o diretor do Centro Extremeño de Estudios y Cooperación con Iberoamérica (Cexeci) que sentava no meio, comia e sobretudo conversava sobre a paixão da arte, as formas do imaginário e, como quebrara os óculos de grau no segundo dia, se obrigava a contragosto a substituí-los por rigorosos óculos escuros, os últimos de grau. Quando os assentava na testa, no mínimo, começaria a falar de seu amigo Pablo Neruda ou de um especialista francês que acabara de declarar a impossibilidade de resistir a mais uma forma de pensamento. Admirador de Diego Armando Maradona, o que também tínhamos em comum, quando terminei minha charla, num elogio com sorriso e sem óculos escuros, disse que uma crítica que se fazia ao curso, a de não ter a disciplina de artes, estava resolvida com a arte da bola, do jogo e do futebol. Foi porque elegia a bola como objeto de desejo, pedi uma no almoxarifado e com ela na mão falei da paixão e da utopia dos homens, queria dizer, dos jogadores. Ninguém vai esquecer Cáceres e provavelmente também não vamos nos esquecer tão cedo.

fabetismo e a qualificação de professores da escola pública), para isso solicitando ao Ministro da Educação que incluísse todos os itens sugeridos pela Andifes no próprio PPA de Governo. Mais: cobrou do Ministro que, trimestralmente, fosse realizado, com a Andifes, um balanço dos avanços (ou não) nos itens de trabalho pactuados, colocando-se à disposição para interferir em favor das Universidades públicas toda a vez que necessário – inclusive no que toca à obtenção de recursos financeiros.

Finalmente, alertou que, ainda para 2004, o Orçamento da União será relativamente restrito para a área social (face às necessidades acumuladas), mas que isso não deveria ser empecilho aos avanços pretendidos pelas Ifes e pelo MEC: “às universidades públicas é mais fácil conseguir suplementação de recursos” – destacou.

As dificuldades enfrentadas pelo país, o serviço da dívida externa e o controle rígido exercido sobre o Orçamento pelos setores econômicos do Governo não permitem, é certo, qualquer garantia maior de que as Ifes tenham a receber, em 2004, os investimentos necessários a um novo ciclo de expansão. Dificuldades continuarão a existir e a desafiar a sobrevivência do sistema federal de ensino superior num contexto de incertezas e de recessão mundial. Contudo, algumas oportunidades parecem se abrir e favorecer esta travessia que, pelo passivo acumulado, ainda se faz sentir dolorosa e carregada de ansiedades; são elas: maior abertura e diálogo com o Governo; maior participação das Ifes no planejamento governamental; perspectivas realistas de concursos públicos e de mudança dos projetos de carreira funcional (para docentes e técnico-administrativos); possibilidades de regulamentação da Lei de Autonomia das Ifes.

A se cumprirmos tais perspectivas, o saldo de 2004 por certo será positivo, e teremos criado as condições infra-estruturais necessárias a um salto seguinte há muito desejado. Uma revolução na educação nacional e um maior engajamento da Universidade nos programas e políticas públicas voltados ao desenvolvimento do país, em todos os campos – já que Universidade é uma instituição *transversal* –, são tarefas inadiáveis diante de um século que se abre tensionado pela globalização e pela concentração do poder do conhecimento.

Quem são e o que pensam os alunos da UFRGS

ARQUIVOJU

Para melhor compreender a complexidade e diversidade de seu corpo discente, a UFRGS promoveu pesquisa sobre o perfil e representações dos alunos, publicada em quatro volumes

A pesquisa teve a duração de aproximadamente um ano, entre as tarefas de preparar questionários e aplicá-los com a ajuda de alunos bolsistas. Para a realização desse estudo, a Universidade teve a participação dos professores do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, através do Laboratório de Observação Social. Foram entrevistados mais de 3 mil estudantes, sendo que 2.450 só da graduação (de um universo de 18 mil). Também foram ouvidos alunos da pós-graduação, da Escola Técnica e do Colégio de Aplicação. O universo a ser pesquisado foi dividido na proporção dos 56 cursos e dentro dos cursos pelas diversas turmas. Na graduação, é a terceira vez que se aplica a pesquisa, as outras foram em 1994 e em 1998.

De acordo com o vice-reitor José Carlos Ferraz Hennemann, essa pesquisa é elemento importante para o processo de avaliação que a Universidade retomou a partir de janeiro deste ano e que passa a ter impacto com as mudanças do Sistema de Avaliação atualmente em discussão. "O trabalho realizado com o perfil dos nossos estudantes, abrangendo todos os níveis de ensino dentro da Universidade, se insere de forma muito pertinente dentro do processo de avaliação que foi retomado no início deste ano. Nas últimas discussões de avaliação dentro da universidade, esse processo tem se mostrado condizente com a forma como será levada avante a avaliação do sistema de universidades no país."

Os estudos completos, editados em quatro volumes pela Editora da Universidade, estão disponíveis nas livrarias da UFRGS no Campus Central e no Campus do Vale.



Maioria dos estudantes da Graduação frequenta o RU

O pró-reitor adjunto de Graduação, Norberto Hoppen, considera que a informação mais importante apresentada pela pesquisa ao público externo é o fato de que a UFRGS não tem só alunos ricos, que vão à aula dirigindo seus próprios carros. "A renda familiar de 49,1% dos nossos alunos está abaixo de 10 salários mínimos (R\$ 2.400,00)", informa Hoppen, destacando outro dado que considera interessante: 54% dos alunos usam os restaurantes universitários, sendo que 25% com frequência diária.

Além disso, 40% dos alunos trabalham para se sustentar, o que também é muito significativo. E a UFRGS contribui para compor a renda de 23% desses alunos, através de bolsas ou monitoria. No item renda familiar, os perfis são bem diferenciados. Alunos de Letras e Artes ou Ciências Básicas apresentam renda familiar menor. Os que estudam Direito e Administração são os que têm maior renda familiar. A área da Saúde se situa no meio.

Para o público interno, a pesquisa pode apresentar uma visão mais detalhada. Muitos alunos que entram para a UFRGS não têm condições sequer de se manter e necessitam apoio (RUs, Casas de Estudantes, bolsas de estudo). "Estamos bem em termos de restaurante", diz o pró-reitor, mas o número de vagas nas casas de estudantes ainda é baixo. Em concessão de bolsas também estamos bem, embora estejamos sempre procurando ampliá-las."

Do total de entrevistados, 50,7% são de Porto Alegre, 30,8% são do interior do Estado e 0,8% de outros países. Os homens ainda predominam nos cursos de graduação da UFRGS (54%), mas se verifica crescimento no número de mulheres em comparação com as pesquisas anteriores. Também evoluiu a faixa etária, que agora é mais alta: 52% dos alunos têm entre 20 e 23 anos.

De acordo com a pesquisa, 40% dos alunos da UFRGS vêm da escola pública e 56% da escola privada, 76% estudavam de dia e 24% estudavam à noite. Os alunos lêem cada vez menos, assistem mais à televisão e usam mais a Internet (13% em média). Para estudar, usam muito os livros. E, embora, atualmente, seja valorizado o estudo em grupo, geralmente estudam sozinhos. "Precisamos saber como trabalhar com isso, talvez se criássemos mais lugares nas bibliotecas poderíamos favorecer o estudo", supõe Hoppen.

A participação dos alunos no DCE e nos órgãos colegiados também é relativamente baixa. E mais baixa ainda nos trabalhos voluntários dentro da UFRGS (como área de saúde, de assistência social e de ensino pré-vestibular). A ati-

vidade que mais atrai os estudantes é a esportiva (31%), mas só 8% praticam esporte de fato. Isso significa que a expansão do espaço esportivo é um fator de atração e permanência dos alunos.

No item que busca esclarecer por que os alunos escolheram a UFRGS, 56% dizem que foi pela gratuidade e 41% pela qualidade. Eles também valorizam a formação acadêmica e o ambiente de discussão e reflexão proporcionado pela Universidade. Quanto ao que esperam da graduação, 54% responderam que querem se tornar profissionais, enquanto 31% querem ser pesquisadores.

Entre os alunos de Direito e de Administração o projeto é entrar logo no mercado de trabalho, enquanto os alunos das Ciências Básicas (Matemática, Física e Química) preferem continuar o estudo, fazer pós-graduação.

Sobre a possibilidade de estudar no exterior, a pesquisa constatou que essa é a vontade de 56% dos estudantes da área das Engenharias, de 52% dos estudantes da área de Agropecuária e de 46% dos estudantes de Administração. Mas, quando a pergunta é sobre o domínio de idioma estrangeiro, aparece uma contradição: só 24% declaram que dominam bem uma língua estrangeira (58% dominam mais ou menos).

Os serviços oferecidos pela Universidade foram avaliados favoravelmente pela maioria dos alunos. Entre os mais apreciados estão as bibliotecas, seguidas pelos restaurantes universitários. O item menos apreciado foi o serviço de Segurança, considerado insuficiente. Hoppen acredita que essa avaliação vai melhorar quando o Campus do Vale estiver cercado. Para os alunos da graduação, os laboratórios de Informática funcionam bem e são o destaque na pesquisa.

Também os serviços terceirizados nos campi da UFRGS foram apreciados pelos estudantes: no Campus da Saúde há deficiência de lancherias; no Campus Central falta agência de correios; no Campus do Vale faltam livraria, revista e papelaria. A pesquisa foi realizada antes da inauguração de duas livrarias, uma no Campus do Vale e outra no Campus Central.

Os professores da Graduação também receberam boa avaliação, assim como o atendimento nas secretarias. No item atividades de organização de ensino, os alunos pesquisados consideraram que o currículo está bom, mas lamentam a falta de oferta de cursos noturnos, principalmente em Administração, Humanas, Letras e Artes.

Escola Técnica atrai alunos da Graduação

Pela nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB 5692), o ensino médio corresponde ao antigo segundo grau, e o ensino técnico hoje é oferecido como pós-ensino médio. Isso explica o fato dos alunos da Escola Técnica da UFRGS estarem numa faixa etária mais alta que a dos que cursam o ensino médio. Também chama a atenção o percentual de alunos que cursam simultaneamente a graduação, 32%. Desses, 25,2% têm superior incompleto e 7,5% completo e 0,5% estão na pós-graduação.

Na Escola Técnica da UFRGS são oferecidos atualmente nove cursos técnicos – de 1 ano, 1 ano e meio e 2 anos – que, para efeito de pesquisa, foram agrupados em duas áreas do conhecimento. Em Ciências da Natureza estão os cursos de Biotecnologia, de Química e de Monitoramento e Controle Ambiental. Em Gestão Empresarial ficaram os cursos de Contabilidade, Gestão, Secretariado, Sistemas de Informações, Segurança do Trabalho e Transações Imobiliárias.

Na ET, 56% do alunado é constituído por mulheres, 27% dos alunos estão entre 16 e 19 anos, 28% entre 20 e 21 anos, 23% entre 22 e 28 anos e 17% têm mais de 28 anos. Quanto à origem, 66% vêm de escola pública, 25% de escola particular e 7,5% de pública e particular. Dos pesquisados, 60% nasceu em Porto Alegre, 7% na região metropolitana, 30% vêm do interior do Estado e 5% de outros estados.

Sobre a escolaridade dos pais: 20% dos pais e 23% das mães têm ensino fundamental incompleto; 23% dos pais e 24% das mães têm ensino médio completo; e 16% dos pais e 13% das mães têm ensino superior completo. O nível é menor que o dos pais de alunos do Colégio de Aplicação, o que se explica pela origem dos alunos. Os alunos da ET pesquisados já têm grau de instrução maior que o dos pais.

A renda familiar também é mais baixa do que a verificada entre os alunos do Aplicação: 34% das famílias recebem de 3 a 6 salários mínimos e 24% recebem de 6 a 10 salários mínimos. Além disso, 52% dos alunos são sustentados pela família; 18% têm trabalho com carteira assinada; 12% têm trabalho informal, temporário ou estágio; e 4% têm bolsa. Assim, 35% dos alunos só estudam; 20% trabalham e

ajudam a família; 23% trabalham e contribuem parcialmente com a família; e 11% trabalham e são responsáveis pelo próprio sustento. Quando vão à escola, 80% dos alunos usam ônibus, 10% vão a pé e 8% em veículo próprio. Dos entrevistados 62% estudam à noite, 25% pela manhã e 12% à tarde.

Em geral, eles dedicam pouco tempo ao estudo extra-classe, o que está relacionado ao trabalho, ao poder aquisitivo ou à pouca exigência dos professores: 53% têm até 5 horas semanais de leitura, e 28% têm de 6 a 10 horas semanais. A maioria estuda em casa, individualmente (82%), alguns estudam na biblioteca (3%) e uns poucos estudam em grupo (2%).

Quando escolheram estudar na Escola Técnica, 40% dos alunos visavam uma possibilidade mais rápida de trabalho, 12% se sentiram com aptidão pessoal para o curso, 11% queriam complementar a profissão que exerciam e 10% foram atraídos pela qualidade do curso.

A formação profissional que a escola oferece foi citada por 55% dos alunos, o coleguismo por 20% e a boa relação com os professores por 18%. Além disso, 60% acham que a Escola tem um "espírito" sim (35% dizem que ele está na qualidade do ensino, 31% apontam o ambiente agradável e amigável, 17% acham que é o reconhecimento da profissão no mercado de trabalho e do nome da Universidade, 8% afirmam que é a gratuidade. E 26% não vê "espírito" nenhum.

Em compensação, todos estão preocupados com o futuro: 45,6% temem o desemprego; 26% temem fazer trabalho indesejado; e 20% temem a violência. A expectativa de 33%, ao concluir o curso, é trabalhar e se possível fazer um curso de graduação na UFRGS; 32% querem trabalhar na área do curso; e 20% querem fazer graduação.

A avaliação dos alunos sobre o ensino resultou em notas bem altas, acima de 7. O mesmo ocorreu com a avaliação do quadro docente, que foi considerado competente, qualificado, assíduo e responsável, o que refletiu nas notas, também acima de 7.

Qualidade do Pós-graduação determinou opção pela UFRGS

A Universidade foi escolhida por 54,2% dos alunos da Pós-graduação pelo nível acadêmico do programa, e por 41% pela gratuidade. Dos entrevistados, 60,2% estão plenamente satisfeitos e 65% dizem que existe um "espírito de UFRGS" e sentem orgulho em pertencer à Universidade, admitindo ter um compromisso com a instituição e seu futuro. Quanto a seus projetos, 62% dos alunos da Pós querem trabalhar como docentes e pesquisadores em universidades, mas 79% querem formar pesquisadores para produzir conhecimento científico.

A base da pesquisa nos cursos de pós-graduação foram os 3.869 alunos do mestrado e os 2.104 alunos do doutorado, num total de 5.973 estudantes, dos quais foram entrevistados 921, sendo 589 do mestrado e 332 do doutorado, informa a pró-reitora de Pós-graduação, Jocélia Grazia. Os cursos foram contemplados de acordo com sua representatividade nas áreas, sendo 61 de mestrado e 52 de doutorado.

Outro dado relevante é que quase dois terços dos estudantes de pós-graduação são de fora de Porto Alegre: 40,2% vieram do interior, 15,6% são de outros estados e 3% de outros países. Isso mostra a excelência da Pós-graduação da UFRGS no cenário nacional, o que é corroborado pela avaliação que a Capes faz dos programas da Universidade. Quanto à formação no ensino médio, 41,2% estudaram em escola pública.

As mulheres predominam nos cursos de pós-graduação em Ciências Biológicas, enquanto os homens estão em maioria nas Ciências Exatas. Um terço do total de entrevistados tem até 25 anos de idade, outro terço está entre 26 e 30 anos. Em Ciências Humanas encontram-se mais alunos com idade superior a 41 anos.

De acordo com a renda familiar, os alunos da Pós-graduação se distribuem assim: 40% têm renda familiar de até 10 salários mínimos; 19%, de 10 a 15 salários mínimos; 23%, de 15 a 25 salários mínimos; e 16,5%, acima de 25 salários mínimos. Sessenta por cento dos alunos da Pós têm bolsas de estudo. Os de doutorado perfazem 69,2% e em Ciências Exatas alcançam 76,6%; porém, 30% trabalham em tempo integral nas Ciências Humanas. Até ingressar no curso, 19,4% dos alunos eram docentes ou pesquisadores e 13,6%, profissionais liberais.

Segundo a pesquisa, 43% dos alunos com renda familiar até 7 salários mínimos usam a rede pública de saúde, e 71% dos alunos com renda fami-

liar de 7 salários mínimos procuram os núcleos de saúde da UFRGS. E 51% dos alunos de todas as faixas fazem refeições nos RUs. Entre os alunos das Ciências Exatas e Ciências Biológicas, predominam egressos da UFRGS; dos alunos das Ciências Humanas, 39,8% graduaram-se na UFRGS e 35,2% em universidades privadas. De acordo com a pesquisa, 20% dos mestrandos e 24% dos doutorandos migraram para áreas distintas daquela em que se graduaram. Pode-se dizer que, quando fazem pós, os alunos têm uma visão mais ampla do campo de atuação e formação e por isso acabam escolhendo muitas vezes áreas distintas daquelas em que se graduaram.

A pesquisa revela que 75% dos pós-graduandos foram bolsistas ou monitores quando estudavam na graduação, e que 22,9% dos mestrandos e 24,7% dos doutorandos foram bolsistas de iniciação científica. Os alunos do doutorado quando eram alunos da graduação participaram mais nos colegiados da UFRGS e nas instâncias de representação.

Para 41,4%, a principal fonte de informação sobre assuntos da Universidade são os colegas e professores, 32,4% consultam o site da UFRGS, 11,2% vêem os murais, 5,4% lêem o Jornal da Universidade e 0,5% ouvem a Rádio da Universidade. Quanto ao domínio de língua estrangeira, 41,4% dos mestrandos e 39,5% dos doutorandos declararam que têm domínio razoável de uma língua estrangeira. Sobre as atividades extra-classe dos mestrandos, 31,7% informaram que praticam esporte, 25% se dedicam a atividades artísticas, culturais ou artesanais; em percentuais bem menores dedicam-se a atividades religiosas, político-partidárias e movimento estudantil.

No mestrado, o tempo de estudo está entre 10 e 20 horas por semana e no doutorado a média é de 30 horas semanais. Entre os que fazem mestrado, 43% pretendem fazer doutorado-sanduíche (cursar parte do estudo no Exterior) e já estão viabilizando isso. Entre os mestrandos em Ciências Humanas, o índice chega a 46,2%. Quanto à infra-estrutura e os serviços, os alunos deram nota mais alta aos recursos áudio-visuais (7,2), às salas de aula (7,5) e às bibliotecas (7,3). Na atividade docente, destacaram a dedicação dos professores (nota 8,5) e concluíram que é bastante satisfatória a orientação aos alunos para dissertação e teses. As notas atribuídas à infra-estrutura pelos alunos da Pós-graduação refletem diretamente o investimento feito pelo poder público na pós nos últimos 15 anos.

No Colégio de Aplicação, as notas mais altas vão para laboratórios e salas de aula

Embora os alunos do Colégio de Aplicação tenham dificuldades em responder sobre a renda familiar, ela é considerada alta: 25% dos alunos do ensino médio têm renda familiar entre 6 e 10 salários mínimos; 20% entre 10 e 15 salários mínimos; 22% mais de 15 e até 25 salários mínimos; e 8,5% têm renda familiar acima de 25 salários mínimos. Quanto ao grau de escolaridade dos pais de alunos, 23% têm nível médio completo, e 29% das mães têm nível médio completo. Os pais com curso superior completo são 24%, e as mães com curso superior completo chegam a 26,8%. E mais: 12,6% dos pais têm pós-graduação. O mesmo ocorre com 15,8% das mães.

Sobre a utilização dos restaurantes universitários, 38% dos alunos responderam que costumam frequentar. Desse total, 83% frequentam eventualmente e 15% diariamente. Em matéria de lazer, 32,2% preferem o convívio social, 14,2% praticam esporte ou assistem a espetáculos esportivos, 13% ouvem música e 8% namoram. Nas férias, 90% saem de Porto Alegre, viajam, vão à praia ou ao sítio, o que tem a ver com o poder aquisitivo da família, e 10% ficam em casa ou visitam parentes.

Metade do alunado do Aplicação foi estudar lá pela qualidade do ensino e 38% por decisão familiar. Se há um "espírito" na instituição, 83% acham que sim e, desses, 44% o associam à forma de ensino, outros à liberdade de

expressão, à preocupação com o futuro e à união com os colegas e professores. Sobre o futuro, 42% se preocupam com o desemprego e 23% temem ter de trabalhar onde não desejam.

Quase um terço dos alunos participa do grêmio estudantil, que se chama Comunidade dos Alunos do Colégio de Aplicação. A principal fonte de informação é a TV e depois o jornal, Internet ainda não é muito utilizada por esses alunos. Cerca de 80% afirmaram que dominam razoavelmente uma língua estrangeira. E 69% têm grande interesse em participar de um intercâmbio internacional. Muitos têm o estudo de uma língua estrangeira como atividade extra-classe.

Ao responder sobre a infra-estrutura do colégio os alunos deram as notas mais altas aos laboratórios e às salas de aula. E as notas mais baixas aos banheiros. Os serviços das bibliotecas foram bem apreciados, mas houve reclamações sobre limpeza e segurança.

Quanto à forma de estudo, os alunos dedicam poucas horas ao estudo e à leitura extra-classe: 60% passam até 5 horas por semana estudando, e 17,5% estudam de 6 a 10 horas semanais. A maioria estuda em livros, cadernos e provas anteriores, só 3,7% usam a Internet. O ensino oferecido pelo Colégio de Aplicação recebeu dos alunos uma nota média entre 6 e 7, enquanto o corpo docente foi considerado como qualificado e recebeu nota acima de 7.

O Brasil desde Porto Alegre

FLAVIA LIGHT

●ARLETE R. DE OLIVEIRA KEMPF
Jornalista

Módulo sobre o País, ministrado pela UFRGS, durante os Cursos Internacionais Ibero-americanos, na Espanha, desperta grande interesse e receptividade e será tema de um livro a ser lançado em novembro



O Brasil foi o eixo de um dos módulos da edição 2003 dos Cursos Internacionais Ibero-americanos, realizado em Cáceres, na Espanha, em julho último, pelo Centro Extremeño de Estudios y Cooperación con Iberoamérica (Cexeci) e Universidade de Extremadura. Professores da UFRGS e da Universidade Federal do Rio de Janeiro e outros profissionais gaúchos não vinculados à academia foram os palestrantes da semana brasileira, que apresentaram enfoques variados, sob o título *O Brasil desde Porto Alegre*. O seminário despertou muito interesse e teve grande receptividade. As palestras vão ser reunidas em um livro, acompanhado de CD bilíngüe português-espanhol, a ser lançado na próxima Feira do Livro de Porto Alegre.

O evento atendeu a um convite do diretor do Cexeci, Miguel Rojas Mix, feito pessoalmente à reitora da UFRGS, Wraña Panizzi, para que coordenasse a estruturação de um curso sobre o País, com temas ditados pelo interesse dos europeus, envolvendo história, economia, política, cultura, sociedade, urbanismo, música, futebol, cinema e um enfoque sobre a experiência política de Porto Alegre. "O encontro foi muito produtivo", contou a reitora. "Pelos relatos, tanto dos estudantes como dos próprios organizadores do Cexeci, foi uma experiência rica. Querem repeti-la. Inclui o professor Piero Cecucci, da Universidade de Florença, especialista em literaturas de língua portuguesa, disse que gostaria de levar o curso para a Itália."

Os Cursos Internacionais Ibero-americanos são realizados desde 1994, pelo Cexeci, a Universidade de Extremadura e os Conselhos de Cultura e de Educação, Ciência e Tecnologia da Junta de Extremadura (governo regional). Fazem parte do conjunto dos cursos de verão, tradicionalmente oferecidos pelas universidades, no período de férias europeias. Neste ano, além da semana brasileira (21 a 25 de julho), outros dois seminários foram desenvolvidos: *Educação Superior: Globalização e Novas Tecnologias* (de 14 a 18 de julho) e *Imaginário: Civilização e Cultura do Século XXI* (28 de julho a 1º de agosto). Também foram organizadores desta edição do evento, a Associação de Universidades Grupo Montevideo (AUGM), Universidade de Santiago do Chile/Instituto de Estudos Avançados e Organização das Nações Unidas para Educação e Cultura/Cátedra Comunidade Ibero-americana (Unesco). Cerca de 150 pessoas, entre professores e estudantes europeus e latino-americanos – dentre os quais cinco alunos da UFRGS – assistiram aos cursos.

O Centro Extremeño de Estudios y Cooperación con Iberoamérica foi fundado em 1992, no ano do quinto centenário do descobrimento da América, com apoio da Universidade de Extremadura e do governo regional. Sua proposta é contribuir para a consolidação e desenvolvimento da ideia de comunidade ibero-americana, por meio de relações privilegiadas com instituições universitárias e de cooperação da América Latina. É dirigido, desde a sua fundação, pelo professor Miguel Rojas Mix, chileno radicado em Paris e diretor de pesquisa do Instituto Latino-americano de Altos Estudos da Universidade de Paris IV - Sorbonne.

VISÃO DE BRASIL

Vários fatos têm estimulado a curiosidade dos europeus sobre a realidade brasileira e se refletiram na proposta do curso, relatou a reitora da UFRGS, Wraña Panizzi. Entre eles estão a experiência de democracia participativa de Porto Alegre, as refle-

xões das três edições do Fórum Social Mundial, que tornaram a capital gaúcha uma referência internacional, e a recente eleição presidencial do ex-líder sindical Luiz Inácio Lula da Silva. "Os assuntos foram ditados pelo Cexeci. O curso foi pensado para um público constituído por alunos de graduação e outros interessados. Não se tratou de um encontro de caráter científico para analisar diferentes posições, teorias ou visões sobre o Brasil. Teve como objetivo dar aos participantes, a partir de brasileiros, uma ideia geral do Brasil", explicou. "Nisso está o ineditismo do acontecimento" – afirmou a reitora. "Pela primeira vez, o Brasil é tema de um curso de verão de uma instituição europeia, um curso organizado e apresentado por brasileiros, a partir de uma visão de Porto Alegre. Isso valoriza não só cada um de nós, mas valoriza a nossa universidade, onde temos tido a preocupação de trabalhar para reforçar uma visão ibero-americana", ressaltou.

O jornalista Ruy Carlos Ostermann, conhecido comentarista esportivo gaúcho, que já foi professor de Filosofia e secretário de estado de Educação e de Ciência e Tecnologia, falou sobre *Futebol e identidade, de Pelé a Ronaldinho*. A experiência de democracia participativa da capital gaúcha, as três edições do Fórum Social Mundial e a conjuntura política que levou Lula à presidência da República ficaram a cargo do deputado estadual Raul Pont, um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores, professor de História, ex-deputado federal e ex-prefeito de Porto Alegre, com a palestra *Do Fórum Social Mundial ao projeto Lula*. O economista Enéas Costa de Souza, também ex-secretário de estado de Ciência e Tecnologia, psicanalista e estudioso de questões brasileiras, em *Gilberto Freyre e Machado de Assis como pensadores do Brasil*, discorreu sobre a sobrevivência – na ideia de política em geral e de política econômica e social brasileira contemporânea – de padrões de apropriação privada do espaço público, patriarcalismo, cinismo e postergação de soluções, entre outros – como apreendidos nas obras *Casa Grande & Senzala* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Na aula inaugural – *Que país é este?* – a reitora Wraña Panizzi, utilizando imagens de uma edição do *Atlas Histórico Escolar*, que marcou a escolarização de milhares de estudantes do secundário brasileiro nos anos 50 e 60, traçou um rápido panorama da formação brasileira e apresentou dados sócio-econômicos da realidade atual do País. Na sequência, o professor César Augusto Barcellos Guazzelli, do curso de História da UFRGS, discorreu sobre o sistema colonial português e sobre o período que vai do Brasil colônia ao Brasil imperial.

A socióloga Ana Clara Torres Ribeiro, da UFRJ, em *A imagem do Brasil: estereótipos de alteridade*, mostrou como a sociedade brasileira vê a si própria e como reconstrói o olhar externo sobre si. O cinema brasileiro foi abordado em dois enfoques. O cineasta e professor da UFRGS, Giba Assis Brasil, enquanto a professora da UFRGS e psicanalista Liliâne Froemming, em *O cinema e o imaginário brasileiro*, trabalhou com a percepção e formas de representação do mundo presentes na produção cinematográfica brasileira. Já a professora Jusamara Vieira Souza, do Instituto de Artes da

UFRGS, na palestra *A música brasileira: 'Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça...'* apresentou um mapa musical do Brasil, considerando aspectos como internacionalização e fusão de repertórios e a permanência de manifestações locais.

Ainda por interesse dos promotores do evento, tendo em vista que o Brasil teve no ex-presidente Fernando Henrique Cardoso um dos formuladores da Teoria da Dependência, o tema foi incluído no programa. O professor e sociólogo Enno Dagoberto Liedke Filho, da UFRGS, na palestra *Teoria da Dependência e desenvolvimento na América Latina*, analisou os pressupostos teórico-metodológicos e as implicações político-sociais dessa construção teórica, que foi alternativa crítica às principais teorias de desenvolvimento brasileiro e latino-americano vigentes em meados do século XX.

Em *Inclusão e exclusão social num país de contrastes*, a professora da UFRGS e socióloga, Éliada Rubini Liedke enfocou o agravamento das desigualdades sociais no País, em consequência das transformações sócio-econômicas, que têm levado os trabalhadores a oscilarem entre o desemprego e a insegurança do trabalho informal. O modelo de crescimento urbano brasileiro, caracterizado pela articulação de uma dinâmica capitalista de produção do espaço construído para os ricos (bairros, condomínios fechados horizontais e verticais, etc.) e um componente de produção dos territórios da informalidade e da precariedade urbana para os pobres (auto-urbanização e auto-construção), foi descrito pelo professor e economista Pedro Abramo, da UFRJ, na conferência *O Brasil urbano: favela, informalidade, desigualdade social*.

Um pouco da história de Porto Alegre, sua geografia e arquitetura foram apresentados pelo professor João Rovatti, da Faculdade de Arquitetura da UFRGS.

INTEGRAÇÃO
Os palestrantes brasileiros ficaram surpresos com o grande interesse dos estudantes estrangeiros – europeus e latino-americanos – por informações sobre o Brasil, especialmente depois da eleição de Lula. "As nossas palestras foram muito bem recebidas pelos estudantes", afirmou o professor César Augusto Barcellos Guazzelli. Ele constatou que na Europa pouco se trabalha com temas brasileiros e latino-americanos. "Da mesma forma, brasileiros conhecem pouco sobre a realidade latino-americana. Por isso, o convívio com os espanhóis e latino-americanos ajudou bastante essa ideia de integração". Observou que o público europeu conhece algo do mundo colonial, mas tem pouca informação sobre o período posterior à independência dos ex-territórios. Para Guazzelli, o sucesso do curso brasileiro deveu-se à sua organização, encadeamento lógico dos assuntos, motivação dos professores e condução dos temas atuais. "Do começo ao fim do curso foi mantido um pique muito alto", ressaltou.

Esse resultado também foi atribuído à dedicação da equipe. "Os professores do módulo brasileiro assistiram às conferências de todos os seus conterrâneos, daí conseguiram fazer menções, em suas aulas, aos temas trabalhados pelos colegas", observou o professor João Rovatti. "Além do mais, todos foram orientados pela organização brasileira para fazer exposições didáticas, lembrando que os estudantes eram estrangeiros e desconheciam o Brasil", acrescentou.

A experiência de trabalhar com os colegas gaúchos, num clima de forte integração de conhecimentos, também foi assinalada pela professora Ana Clara Torres Ribeiro, da UFRJ. Avaliou que o contato com estudantes latino-americanos presentes permitiu a abertura de um diálogo brasileiro com a América Latina. "A recepção dos estudantes ao tema que apresentei foi bastante positiva, pois a exposição proporcionou chaves para a compreensão dos estereótipos e para compreensão da complexidade da sociedade brasileira. Eles puderam entender que o Brasil não é só belos corpos e também não é só violência", observou.

Para o professor Enéas de Souza o curso deu uma visão abrangente sobre o Brasil aos estudantes europeus e latino-americanos e também permitiu uma ampliação de relacionamentos entre conferencistas e alunos, pois o evento concentrou num

mesmo local as conferências, os alojamentos e os refeitórios. Ele percebeu que a questão Brasil desperta um grande interesse por conhecimentos e esclarecimentos. "Os europeus têm uma expectativa muito grande em relação a Lula, mais que nós mesmos, e também uma ansia de dialogar."

O deputado Raul Pont elogiou a pluralidade de temas e enfoques do curso e também o intercâmbio estabelecido entre o Centro Extremeño, a Universidade de Extremadura e a UFRGS. "Foi um seminário bastante positivo, pela possibilidade de transmitir uma visão a partir de Porto Alegre e do Fórum Social Mundial para dezenas de pessoas da Espanha, Itália e países da América Latina", definiu. "A iniciativa" – disse ele – "suscita o desafio de realizar seminários de integração ibero-americana também no Brasil". Juntamente com a reitora Wraña Panizzi, o deputado visitou alguns centros de educação digital de Extremadura, onde é feita a difusão da informática para escolas e centros comunitários, permitindo o acesso da população à Internet, com o uso de programas de *software* livres. Esses instrumentos tecnológicos de democratização poderão ser utilizados também em Porto Alegre, afirmou, através de convênio em avaliação, entre a Prefeitura, Empresa de Processamento de Dados do Município e a Universidade.

CONVÍVIO

Segundo os estudantes gaúchos presentes ao encontro, a descontração com que os professores brasileiros trabalharam seus temas e a abertura para dialogar com os alunos impressionou os universitários estrangeiros – italianos, espanhóis, portugueses, argentinos, uruguaios, chilenos e um colombiano. "Na semana brasileira, os professores não falavam de cima do estrado, atrás da mesa. Eles desciam, circulavam, perguntavam se todos estavam entendendo, não se prendiam à leitura do que tinham preparado", registrou Fabiano Mesquita Padão, 24 anos, mestrando do Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional. Já Ana Carolina Christofari, 23 anos, aluna do 4º semestre de Pedagogia da UFRGS, observou: "No primeiro curso tudo era mais formal, e foi mantida uma distância entre os que falavam e o público. No curso dos brasileiros houve uma proximidade muito grande dos alunos com os professores, não só nas aulas, mas também fora. Os demais ficaram muito impressionados com essa proximidade. Eles nos perguntavam se no Brasil era assim, se os professores eram tão acessíveis como viam ali. Disseram que nas suas universidades isso não ocorre, há um distanciamento entre professores e alunos. Eles ficaram encantados e falavam que o curso da semana brasileira valeu pelo tempo todo que estiveram lá."

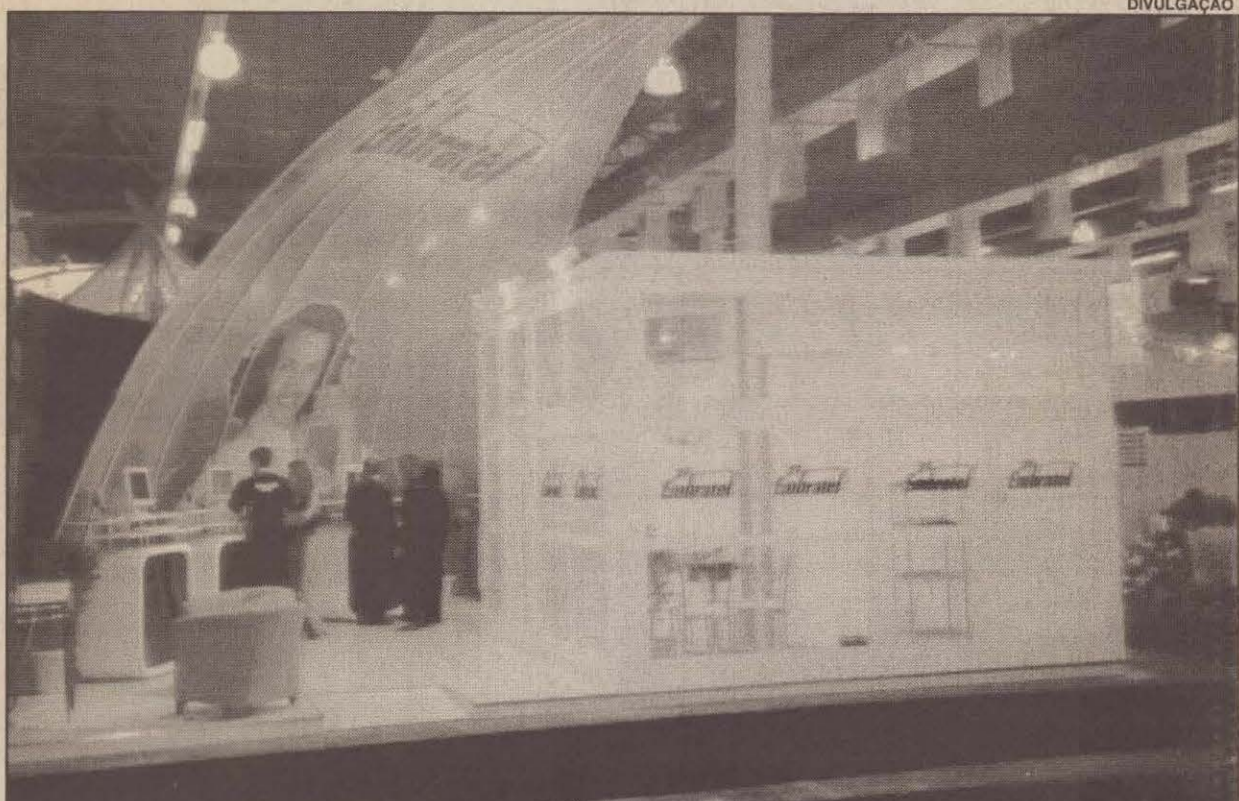
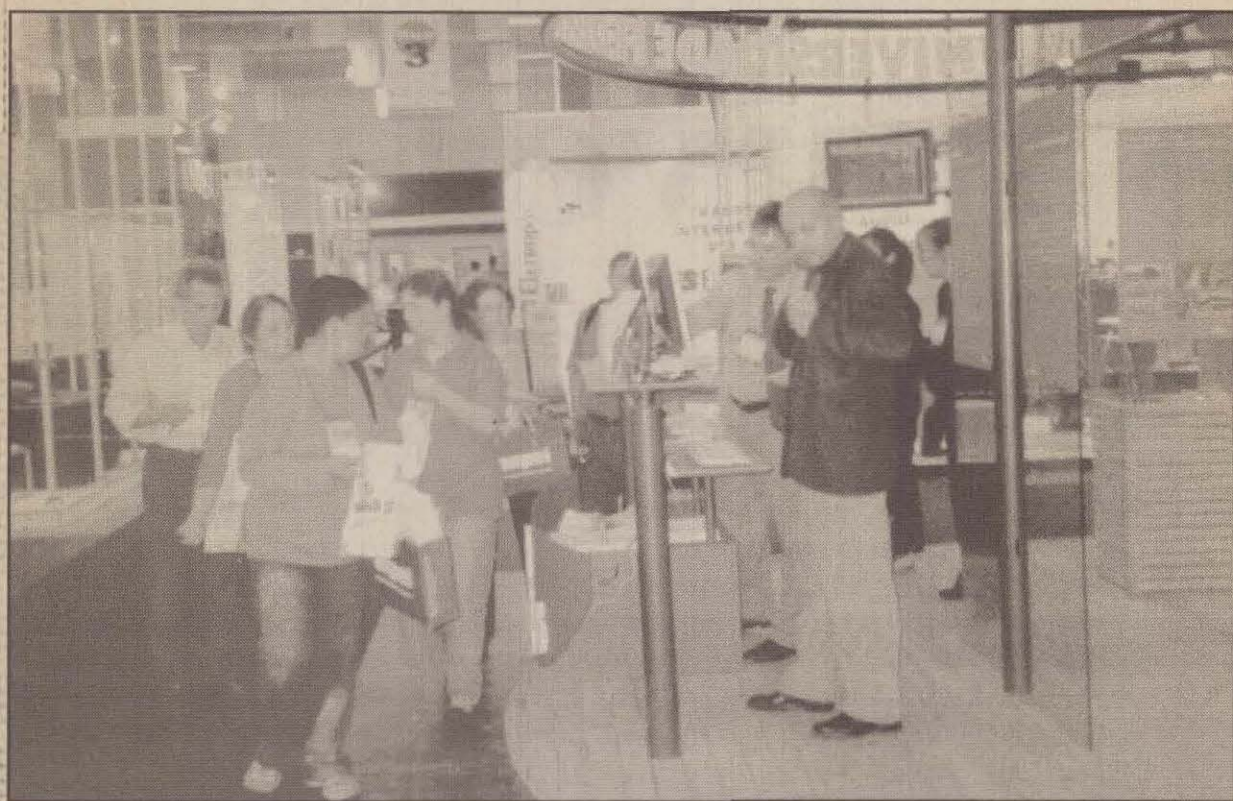
O convívio com os colegas estrangeiros foi considerado valioso pelos universitários gaúchos. André Oliveira Costa, 22 anos, do 9º semestre de Psicologia da UFRGS, afirmou que "a convivência com outras pessoas e com outra língua foi uma oportunidade que vai render para o resto da vida". Ele destacou "o espírito de troca" que preponderou no encontro. "Cada um de nós levou material sobre a UFRGS: broches, marcador de páginas, camisetas, livros e discos, guias de Porto Alegre, para distribuir aos colegas. Também recebemos materiais, como cartões postais das cidades. A pedido deles, a gente ia para internet mostrar fotos de Porto Alegre e a página da UFRGS. Eles também nos mostravam onde estudavam, como era a cidade em que viviam – foi esse o clima", afirmou. Maria da Glória de Oliveira, 41, formanda do curso de História da UFRGS, ressaltou muito a oportunidade de troca de informações com outros estudantes, especialmente com os de História chilenos.

A viagem permitiu uma tomada de consciência em outros aspectos. "Vimos que o Brasil não está isolado, que muitos problemas que temos também são sentidos por outros países, principalmente os latino-americanos", constatou Fabiano. Para Ana Carolina, no contato foram quebrados alguns estereótipos culturais, gerados pela falta mútua de conhecimento entre povos vizinhos. Na comparação, ela também pôde perceber a alta qualificação do ensino da UFRGS. Já para Maria da Glória, "a experiência acabou provocando mais paixão por conhecer a língua, a cultura, a história, o povo do nosso país, de buscar contatos com gente que está estudando o Brasil, sem deixar de voltar nosso olhar também para a América Latina".

Concurso premiará humorismo gráfico

Estão abertas as inscrições para o concurso *Humorismo Iberoamericano @ 2002-2003*, evento promovido pelo Centro Extremeño de Estudos e Cooperação com Ibero-america (Cexeci), com a colaboração da Associação de Universidades Grupo Montevideo (AUGM), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Instituto de Estudos Avançados da Universidade do Chile (Ideia) e Universidade de Guadalajara, no México. Os artistas profissionais poderão enviar até três desenhos, publicados no período entre 1º de agosto de 2000 e 1º de agosto de 2003, podendo

concorrer nas categorias: caricatura, humorismo da situação e artistas novos. A exposição dos trabalhos selecionados será inaugurada no dia 12 de novembro, em cada uma das respectivas instituições. Os jurados selecionarão 250 obras para serem reproduzidas no livro *Humor Gráfico Iberoamericano*. O prazo de entrega das obras encerra-se em 30 de setembro. Os vencedores receberão 6 mil euros para a categoria humorismo de situação, 6 mil euros para a categoria caricatura e 3 mil euros para a de artistas novos. Maiores informações, no Portal da UFRGS, na página do Museu.



DIVULGAÇÃO

Estande da UFRGS faz sucesso no Brasiltec

Pelo segundo ano consecutivo, a UFRGS mostrou seus projetos e fez contatos nesse evento promovido pelo Ministério da Ciência e Tecnologia

O II Salão e Fórum de Inovação Tecnológica e Tecnologias Aplicadas nas Cadeias Produtivas foi uma oportunidade de mostrar ao público os produtos e os processos inovadores desenvolvidos na Universidade e de criar interações com o setor produtivo. Na abertura do evento, a reitora Wana Maria Panizzi recebeu no estande a visita do ministro da Ciência e Tecnologia, Roberto Amaral, e do secretário estadual da Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Kalil Sehbe.

Cerca de 85 mil pessoas visitaram o evento, realizado em São Paulo entre os dias 29 de julho e 2 de agosto e que teve 342 expositores, entre empresas privadas, órgãos e empresas governamentais, universidades, centros de pesquisa, fundações, entidades de classe e instituições financeiras.

A participação da UFRGS foi coordenada pela Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico (Sedotec), em conjunto com o Escritório de Transferência de Tecnologia (EITT) e com a Pró-reitoria de Planejamento, que definiram como tema central a sustentabilidade, ligada à área de utilização de recursos naturais e do meio ambiente, tendo selecionado 18 projetos para a exposição.

Também estiveram presentes na abertura a pró-reitora de Planejamento, Maria Alice Lahorgue, e a diretora do EITT, Marli Elizabeth Ritter dos Santos. "Do ponto de vista do EITT" – diz Elizabeth – "a feira se constituiu também num importante espaço para se buscar possíveis parceiros para o licenciamento e desenvolvimento das tecnologias, que integram o portfólio de patentes e softwares de propriedade da UFRGS."

Para a técnica do EITT, Kátia Tregnago Cunha, o público foi mais diversificado em relação ao ano passado. "Em 2002, as pessoas que nos procuravam eram, em geral, ligadas às áreas técnicas. Neste ano, nosso estande recebeu também a visitação de professores, estudantes e pessoas das mais variadas áreas, interessadas em conhecer as pesquisas."

O sucesso do trabalho é resultado de uma soma de escolhas e decisões acertadas. A começar pelo tema: sustentabilidade. Hoje, há uma preocupação geral com o esgotamento dos recursos naturais e um interesse crescente por parte de empresários em investir em tecnologias que apontem energias alternativas. "E os pesquisadores da UFRGS já vêm trabalhando nesse sentido", diz Carlos Fernando Costa, da Proplan.

INOVAÇÕES

Por se tratar de alternativas que não agridem o meio ambiente e representam economia para os usuários, muitos dos projetos expostos na feira tiveram grande repercussão. Um deles foi o Aquaflo, que economiza 80% de água. Esse equipamento foi criado para facilitar o processo de tratamento e reciclagem de água para lavagem de veículos. O trabalho, desenvolvido pelo Departamento de Engenharia de Minas, consumiu cerca de 18 meses e resultou, até agora, em três modelos diferentes. "O equipamento foi um dos mais procurados durante a feira, inclusive por construtoras e síndicos de condomínios", conta Fernando. Além da praticidade de uso e da economia de água, o invento oferece baixo custo de investimento.

Outro equipamento que despertou o interesse do público, em virtude do baixíssimo impacto ambiental e do pequeno custo de instalação, foi o Gerador Eólico de Pequeno Porte, capaz de produzir, com ventos de 180km/h em média, cerca de 180 kwh/mês. O gerador, desenvolvido pela Escola de Engenharia, é uma alternativa viável para atender às necessidades de uma residência, iluminar *outdoors*, pequenas instalações comerciais e agrícolas, postos de saúde e escolas em locais afastados, sem acesso à rede elétrica.



O projeto Biopolímeros, criado pelo Instituto de Química, vem desenvolvendo tecnologias de transformação do óleo de soja, arroz e mamona em materiais poliméricos de alto valor agregado, para atender à demanda da indústria automotiva, de construção civil e do setor elétrico, entre outros.

Prever moradias que aliem conforto, economia e sustentabilidade é a proposta que vem sendo desenvolvida pela Escola de Engenharia e que resultou no trabalho intitulado Habitação social: em busca da sustentabilidade. O projeto visa à construção de residências unifamiliares, preven-

do a reutilização ou reciclagem de materiais de demolição, captação de água da chuva para utilização em banheiros e jardins, tratamento e reaproveitamento do esgoto doméstico e aproveitamento de energia solar, uso de vegetação e ventilação natural, entre outros.

Os trabalhos expostos com novas texturas em superfície e novos padrões nas áreas têxteis, calçadista, cerâmica ou papelaria atraíram a atenção de quem passava pela feira. Desenvolvido pelo Instituto de Artes, os produtos, em especial os têxteis, vêm imprimindo um novo conceito de

criação, tipicamente brasileiro, e ditando tendências dentro e fora do Estado.

A parte visual do estande e a apresentação dos projetos também foram bem-sucedidas. Seguindo a proposta do tema, o estande, projetado pela equipe de alunos do Laboratório de Simulação de Arquitetura, sob a coordenação do professor Benamy Turkienicz, foi construído com madeira de pinus de reflorestamento, buscando priorizar a simplicidade. Também optou-se pela criação de um ambiente convidativo. Para isso, foram planejadas grandes aberturas laterais, facilitando a entrada e a circulação do público. Pôsteres com linguagem leve e grande apelo visual, protótipos e consultas ao site da UFRGS facilitaram a aproximação e o interesse do público leigo. Quem visitava o estande tinha ainda à disposição uma equipe apta a eliminar as dúvidas e satisfazer as curiosidades dos visitantes sobre os projetos. "Acredito que esse foi um dos grandes diferenciais do nosso estande", disse Fernando. "Apostamos na proximidade, em chamar e conversar com as pessoas, criando um ambiente envolvente e acolhedor. Deu certo." Estiveram trabalhando no evento Adalberto Cheiran, Elmo Pellim Muller, Maria Lúcia Herrmann, Kátia Tregnago Cunha, o professor José Antônio Martinelli e Carlos Fernando Costa.

Levar as pesquisas para além dos laboratórios e mostrar à sociedade o que vem sendo feito na UFRGS foi um estímulo a mais para a equipe. "Senti muito orgulho em apresentar aqueles projetos, resultado de um trabalho que consome anos de pesquisa", diz Kátia. "É muito bom poder mostrar às pessoas o quanto a nossa Universidade é produtiva e nossos pesquisadores, competentes." Cheiran avalia que os contatos realizados com outras instituições de ensino e pesquisa possibilitaram novas interações que poderão representar futuras trocas no campo do desenvolvimento tecnológico.

Especialistas apontam desenvolvimento como um desafio para o Mercosul

Pensar o Mercosul sob um enfoque social e político como garantidor do desenvolvimento, ao lado da visão comercial que predominou até hoje, foi um dos pontos centrais abordados no II Seminário Unesco-Clasco-Ufrgs: Democracia, Governança e Desenvolvimento no Mercosul, realizado nos dias 7 e 8 de agosto, no auditório do Instituto Latino-americano de Estudos Avançados (ILEA) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Dividido em três eixos – desafios da integração ante o novo contexto social e político; democracia, política e sociedade civil frente aos novos desafios pelo desenvolvimento; e conflitos, violência social, governabilidade e cidadania no Mercosul –, o encontro reuniu pesquisadores ligados a universidades e representantes de organizações governamentais e não-governamentais, com o intuito de aprofundar o debate para produzir novos trabalhos capazes de orientar a ação política.

Para a professora Maria Susana Soares, diretora do Centro de Estudos Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) e coordenadora local do seminário, um dos aspectos principais discutidos foi a violência, não como algo que tem de ser combatido pela polícia, mas como uma questão social que envol-

ve a todos. "São múltiplas formas de violência: do cotidiano, do desemprego, da TV, da miséria, da exclusão social, contra as mulheres, contra os índios, enfim, é uma violência difusa que influi diretamente na questão do desenvolvimento."

O tema segurança já havia sido abordado no I Seminário Unesco-Clasco, realizado em dezembro de 2002, em Montevidéu, quando o enfoque esteve na integração como valor estratégico para cada país do bloco. Neste segundo encontro, a questão foi novamente colocada em pauta, em um contexto de desenvolvimento e democracia. "Tratamos a segurança em sentido amplo, desde a segurança não-militar, para evitar desastres e a morte por fome, como o combate eficaz ao narcotráfico, à delinquência internacional, ao contrabando de armas", afirma Manuel Bernales Alvarado, especialista do Programa Ciências Sociais e Humanas da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco).

Conforme Alvarado, as dimensões da segurança sempre estiveram ligadas ao desenvolvimento, aspecto que neste seminário foi tratado como uma necessidade para os países em integração no Mercosul. Necessidade esta a ser alcançada pela superação das exclusões dentro de cada Estado, bem como nas rela-

ções externas, entre países maiores e menores. "O desenvolvimento a que nos referimos não se trata apenas de alívio da pobreza, mas do início de um círculo virtuoso de crescimento", afirmou o representante da Unesco. "A segunda idéia fundamental a fortalecer é o conceito integral de democracia, em seus conteúdos humanos e econômicos, não só em sua forma política", completou.

O coordenador-geral do seminário e dirigente do Grupo Mercosul e Integração Regional do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (Clasco), Gerónimo de Sierra, destaca que o projeto de desenvolvimento hoje necessário não é mais nacional, mas regional, para todo Mercosul. "Neste momento, vivemos uma conjuntura histórica, uma janela de possibilidades que se abre em um período muito difícil para os países, quase impossível de sair do abismo com os métodos tradicionais, sendo que cabe repensar tais métodos. Esta oportunidade de desenvolvimento estratégico para o Mercosul pode abrir um caminho de maior autonomia e capacidade de negociação da região, sobretudo, para um desenvolvimento que seja integrativo, em busca de maior democracia social e política, um desenvolvimento com inclusão."

De acordo com o especialista, é preciso repensar o Mercosul no sentido de estratégia, mais político e social, mas também comercial. "Temos de reforçar os compromissos políticos, a questão da supranacionalidade, porém com políticas que levem ao desenvolvimento, a um Mercosul produtivo. É preciso pensar o bloco sul-americano como a Europa, que tem empresas estratégicas que não são de nenhum país, mas europeias", afirma Sierra.

Para que as idéias surgidas a partir das discussões não se percam, a Unesco fará uma nota de comunicação, a ser distribuída às autoridades do órgão das Nações Unidas, da Clasco e às chancelarias do Mercosul, com uma seleção dos pontos mais importantes dos consensos atingidos. Em paralelo, será produzido um livro contendo a essência dos debates, com previsão de lançamento em 2004, e constituindo uma forma de contribuição da comunidade intelectual para os tomadores de decisão do Mercosul.



RENI JARDIM

Reitores de universidades federais avaliam o encontro com Lula

Nestas páginas, cinco reitores de universidades que integram a Associação Nacional dos Dirigentes de Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) avaliam o encontro que os dirigentes das universidades públicas tiveram com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva no início de agosto. Respondem às perguntas formuladas pelo *Jornal da Universidade*, o reitor da Universidade Federal de Rio Grande, Carlos Rodolfo Hartmann; o reitor da Universidade Federal da Paraíba, Jader Nunes de Oliveira; o reitor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, José Antonio de Souza Veiga, o reitor da Universidade Federal de Sergipe e vice-presidente da Andifes, José Fernandes de Lima, e a reitora da Universidade Federal de Goiás, Milca Severino Pereira

Jornal da Universidade – No dia 5 de agosto passado, o presidente da República recebeu os dirigentes das instituições federais de ensino superior. Qual a sua avaliação sobre esse encontro?

Carlos Rodolfo Hartmann, reitor da Universidade Federal de Rio Grande – É a segunda vez que os dirigentes das instituições federais de ensino superior se encontram com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Na primeira, em setembro de 2002, foi entregue ao então candidato à presidência da República o Documento da Andifes aos Presidenciais, que sintetizava as preocupações dos dirigentes diante dos cenários acadêmico e institucional das Ifes, assim como, manifestava a disposição ao diálogo amplo e permanente em busca de soluções dos compromissos assumidos pelas instituições com o desenvolvimento do saber e as desejadas transformações da sociedade brasileira. Na segunda, em 5 de agosto passado, lhe foi apresentada uma proposta para expansão e modernização do sistema público federal de ensino superior. Esse último encontro foi especialmente importante, pois pela primeira vez um presidente da República recebeu os dirigentes das Ifes para conhecer e discutir uma proposta que procura definir o futuro do referido sistema.

Creio que, apesar do clima de instabilidade por que passam as Ifes – carência de recursos humanos, limitação orçamentária, falta de disponibilidade financeira, autonomia universitária totalmente descaracterizada, aliadas à tramitação da proposta de reformulação previdenciária – não poderíamos esperar que o presidente da República, na mesma reunião, apresentasse soluções para os nossos problemas emergenciais. Já havíamos acordado que apresentaríamos ao primeiro mandatário da nação uma agenda positiva que tratasse do futuro das instituições, deixando as questões operacionais para serem discutidas posteriormente junto aos diferentes agentes do governo. Assim, o principal objetivo da reunião foi o de dar conhecimento e procurar convencer o presidente da República da importância da proposta para que nossas instituições possam continuar sendo referência na formação de recursos humanos e responsáveis pela maioria dos projetos de pesquisa realizados no país. Sua convicção é que permitirá que se encontre a condição política necessária à implementação do mesmo. Pelas manifestações do presidente Lula na reunião e dos presidentes das Comissões de Educação do Senado e da Câmara na abertura do seminário Universidade: Por que e como reformar?, promovido pelo Ministério da Educação, Câmara dos Deputados e Senado Federal, no dia seguinte, destacando a importância e a necessidade da manutenção e do crescimento do sistema como um todo, entendo que o encontro foi bastante positivo, começando a dar seus primeiros resultados.

Jader Nunes de Oliveira, reitor da Universidade Federal da Paraíba – Foi, pelo menos na história recente do país, a primeira reunião de trabalho entre o presidente da República e os dirigentes de nossas instituições federais de ensino superior. O encontro, realizado a partir de uma iniciativa da Andifes, além de inédito, é também um fato relevante e muito promissor. Em anos anteriores, nas raras vezes em que foram recebidos pelo presidente da República, os reitores apenas constituíram platéia em cerimônias protocolares.

José Antonio de Souza Veiga, reitor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Ao conceder audiência aos dirigentes das Ifes, o senhor presidente estabeleceu um novo marco nas relações entre as Ifes e o Poder Executivo. O encontro sinalizou aos demais níveis da administração pública a importância das Ifes para o novo projeto de governo. Sem dúvida, foi um momento histórico.

José Fernandes de Lima, reitor da Universidade Federal de Sergipe e vice-presidente da Andifes – O encontro foi muito positivo porque tivemos a oportunidade de apresentar ao presidente da República um elenco de propostas que visam o crescimento e a melhoria das universidades federais. Essas propostas, apresentadas de forma brilhante pela presidente da Andifes, Wraza Panizzi, foram ouvidas com atenção pelo presidente, que dedicou duas horas à discussão com todos os reitores e dirigentes de instituições federais de ensino superior.

Milca Severino Pereira, reitora da Universidade Federal de Goiás – Foi muito importante para as instituições federais de ensino superior a interlocução direta com o senhor presidente da República, pois tivemos a oportunidade, singular, para expormos a ele nossas expectativas, dificuldades enfrentadas no cotidiano e, principalmente, uma proposta de crescimento/fortalecimento do Sistema Federal de Ensino, na qual está enfatizado o papel e contribuição do sistema para o desenvolvimento do nosso país. Essa audiência com o presidente representa uma demonstração de respeito do Governo em relação às Ifes e sua preocupação com os problemas de funcionamento por que passam estas instituições de ensino.

JU – Na reunião com o presidente, a Andifes apresentou uma série de propostas visando à expansão e à modernização do sistema federal de ensino superior. Qual é a sua expectativa com relação à efetivação dessas propostas?

Carlos Rodolfo – O documento apresentado pela Andifes é uma proposta de trabalho para os próximos quatro anos. A bem da verdade, a intenção inicial dos dirigentes era a de apresentar ao presidente da República um protocolo de intenções previamente acordado com o Ministério da Educação, no qual estariam claramente definidos os compromissos de cada parte. Como não conseguimos elaborar esse documento em tempo hábil, decidimos apresentar ao presidente um conjunto de ações e metas que, se implementadas, não só reverterão as tendências atuais de participação cada vez menor das Ifes no ensino superior brasileiro como, principalmente, fortalecerão seu papel estratégico e sua função social. A efetivação ou não da proposta depende, primordialmente, de uma ação do governo federal. Se houver recomposição das condições de trabalho e de financiamento das Ifes, as medidas necessárias à concretização plena da proposta certamente serão implementadas pelas instituições.

Jader Nunes – Ao término da reunião, o presidente determinou ao ministro da Educação a inclusão no plano plurianual de recursos orçamentários necessários à expansão de vagas no ensino de graduação proposta pela Andifes. Se houver a disponibilização desses recursos, poderemos programar para os próximos quatro anos uma expansão com qualidade das matrículas em nossas instituições.

José Antonio – As propostas apresentadas pela Andifes são, no seu conjunto, ousadas em face da grandeza de suas metas, porém factíveis caso o governo federal garanta as condições necessárias de infra-estrutura, equipamentos e recursos humanos.

José Fernandes – Acreditamos que essas propostas serão levadas a efeito, porque o presidente da República deixou muito claro o seu respeito e a sua crença no valor das instituições federais de ensino superior, dando a entender que as universidades e as demais instituições federais de ensino superior constituem uma parte importante no seu projeto de desenvolvimento do País. Como demonstração de que essas propostas deverão ser efetivadas, há o fato de o presidente ter determinado que essas propostas sejam contempladas no PPA para o recebimento de recursos nos orçamentos futuros.

Milca – A Andifes deseja que o Brasil seja independente e soberano, e isso só será possível se tivermos avanços científicos e tecnológicos significativos e permanentes. Esperamos que as Ifes

sejam vistas pelo governo como instituições estratégicas para o desenvolvimento do país e tenham as condições necessárias para o seu funcionamento e implementação de suas propostas. Por ocasião do encontro com os dirigentes das Ifes, o presidente da República prometeu emvidar esforços visando criar condições para superar as dificuldades a ele apresentadas e fazer investimentos nas Ifes. Solicitou, inclusive, ao Ministério da Educação que viabilizasse a inclusão das propostas no PPA (Plano Plurianual).

JU – Entre os temas tratados com o presidente, a ampliação da oferta de vagas mereceu particular destaque. O que caberia ao governo e o que caberia às universidades na realização dessa meta?

Carlos Rodolfo – Entendo que a proposta de duplicar o número de alunos na graduação é bastante arrojada. Para que se possa fazer uma análise mais detalhada da mesma, deve-se levar em conta que o crescimento dar-se-á no sistema como um todo, ou seja, superando as desigualdades de oferta de vagas em cada Estado através da interiorização das ações das universidades existentes, de projetos de educação a distância e da criação, quando necessário, de novas instituições federais de ensino superior.

JU – Não creio que as Ifes poderão atingir essa meta, pois significaria em muitos casos ter que duplicar em menos de quatro anos a infra-estrutura existente e alterar de forma significativa seus projetos político-pedagógicos. Somente através de um planejamento bem elaborado que leve em conta as características institucionais, suas vocações, a qualificação dos recursos humanos e condições de infra-estrutura, é que poderemos retirar a parcela com que cada Ifes contribuirá na implementação dessa meta.

Jader Nunes – Ao governo compete viabilizar os recursos orçamentários objetivando: a) recuperar e modernizar a infra-estrutura acadêmica de nossas instituições, sobretudo de nossos cursos de graduação e notadamente de laboratórios, salas de aula e bibliotecas; b) assegurar o custeio da manutenção básica das atividades associadas a essa expansão; c) os recursos humanos necessários à ampliação da oferta de vagas. As universidades cabe planejar a ampliação da oferta dessas vagas, com uma programação compatível com sua capacidade instalada, seja criando novos cursos que consultem as necessidades e as demandas da sociedade na região onde elas estão inseridas, ou implantando no turno da noite cursos que hoje são oferecidos somente no período diurno, buscando resgatar a dívida social existente com a imensa maioria da população brasileira.

José Antonio – Reforma e expansão das instalações físicas; recuperação e aquisição de equipamentos e recomposição e ampliação dos quadros docentes e de técnicos-administrativos. Criar novos cursos e ampliar o número de vagas nos existentes, em especial, no horário noturno.

José Fernandes – No tocante à ampliação de vagas, entendemos que se faz necessário tendo em vista o papel regulador da qualidade do ensino que desempenham essas instituições. Nesse processo de ampliação, as universidades deverão propor a modificação dos currículos, com a criação de novos cursos, a abertura de vagas nos cursos noturnos e um maior investimento na formação dos professores. Enquanto isso, o governo deve oferecer as condições materiais para a abertura de concursos, reposição dos professores e funcionários que se aposentaram, melhoria e adaptação das universidades, além de adaptar o custeio às necessidades reais dessas instituições. É importante salientar que, tendo em vista a qualidade de alunos carentes hoje presentes nas universidades, é necessária a formalização de uma política de assistência que garanta a permanência e o bom desempenho desses estudantes nessas universidades.

Milca – Primeiramente temos que pensar em viabilizar a recomposição do quadro de pessoal das Ifes, pois o déficit de docentes e técnicos-administrativos representa um dos maiores problemas que estão sendo enfrentados pelas Ifes. Precisamos, também, resolver a questão relativa a investimentos em infra-estrutura, principalmente para a recuperação e conservação da estrutura física para o ensino e pesquisa. Estas questões demandam ações do governo federal. Na minha análise o custo x benefício é extremamente defensável, pois ensino de qualidade e geração de conhecimento são necessidades concretas e precisam ser supridas. As Ifes poderão estar contribuindo para a ampliação de vagas mediante o oferecimento de cursos de graduação no turno da noite, viabilizando maior acesso ao ensino superior aos jovens que precisam compatibilizar o trabalho com os estudos.

JU – No documento encaminhado ao presidente, a Andifes considera “inadiável” a construção e implementação de uma proposta de autonomia universitária. Que iniciativas deveriam ser tomadas, imediatamente, nessa direção?

Carlos Rodolfo – O projeto de autonomia universitária vem sendo discutido há mais de dez anos sem que se tenha chegado a uma proposta definitiva. Apesar de a matéria ser constitucional, as instituições vêm, ano após ano, perdendo autonomia, chegando ao absurdo de ter que solicitar autorização ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão para poder contratar um professor substituto. Na área orçamentária não é diferente. Cada vez mais são editados decretos-leis que contingenciam e engessam a execução do orçamento. Assim, hoje, as Ifes gozam somente de alguma autonomia didático-científica. Portanto, é urgente que a discussão do tema autonomia universitária seja priorizada. Creio que, reunindo em uma mesa de negociação o governo federal, a Andes, a Fasuba, a UNE e a Andifes, saberemos, a partir dos projetos existentes e em um período curto, construir e implementar um projeto que não só dê a autonomia tão desejada como também preveja os recursos necessários à manutenção e ao desenvolvimento das instituições federais de ensino superior.

Jader Nunes – Algumas premissas se impõem. A primeira é abolir a compreensão autoritária reinante nos últimos oito anos de que o governo é o detentor da autonomia universitária e que, por essa razão, pode concedê-la no formato que pretender e na proporção que desejar. Não é. Ela é um princípio constitucional consagrado no artigo 207 de nossa Carta Magna. A outra é suprimir o entendimento – que também prevaleceu no governo anterior – de que a autonomia pode ser restringida ao aspecto financeiro. Ou a um modelo de gestão. Isso seria abastardar o conceito universal da autonomia universitária.

No campo das iniciativas, duas providências são necessárias. A mais urgente é a remoção dos entulhos normativos – decretos presidenciais, portarias ministeriais, instruções normativas etc. – que, na prática, tornam letra morta o dispositivo constitucional. Este é um pleito histórico da Andifes, prometido e não cumprido pelo governo passado e também assegurado pelo atual, mas que não ultrapassou o terreno da retórica. A segunda é contemplar no nosso arcabouço jurídico a definição de que as universidades federais brasileiras são instituições integrantes do estado nacional e não órgãos do governo. Isso pode ser viabilizado com a definição de um novo ente jurídico para as nossas Ifes nos termos formulados no projeto de lei orgânica da Andifes.

José Antonio – Resgatar a proposta de lei orgânica das Ifes elaborada no âmbito da Andifes, após revisão, ser apresentada para debate. Estabelecer um processo gradual de implantação da autonomia a partir da simplificação dos procedimentos administrativos, orçamentário-financeiros e de gestão de patrimônio.

José Fernandes – O processo de ampliação e melhoria pelo qual já passam as Ifes poderia ser ampliado e agilizado se fosse eliminado o entulho normativo que se constitui em verdadeiro obstáculo à boa administração. É necessário que as instituições federais de ensino tenham autonomia administrativa, didática e financeira para que possam cumprir com maior eficiência seu papel de formar cidadãos e pensar o desenvolvimento do país.

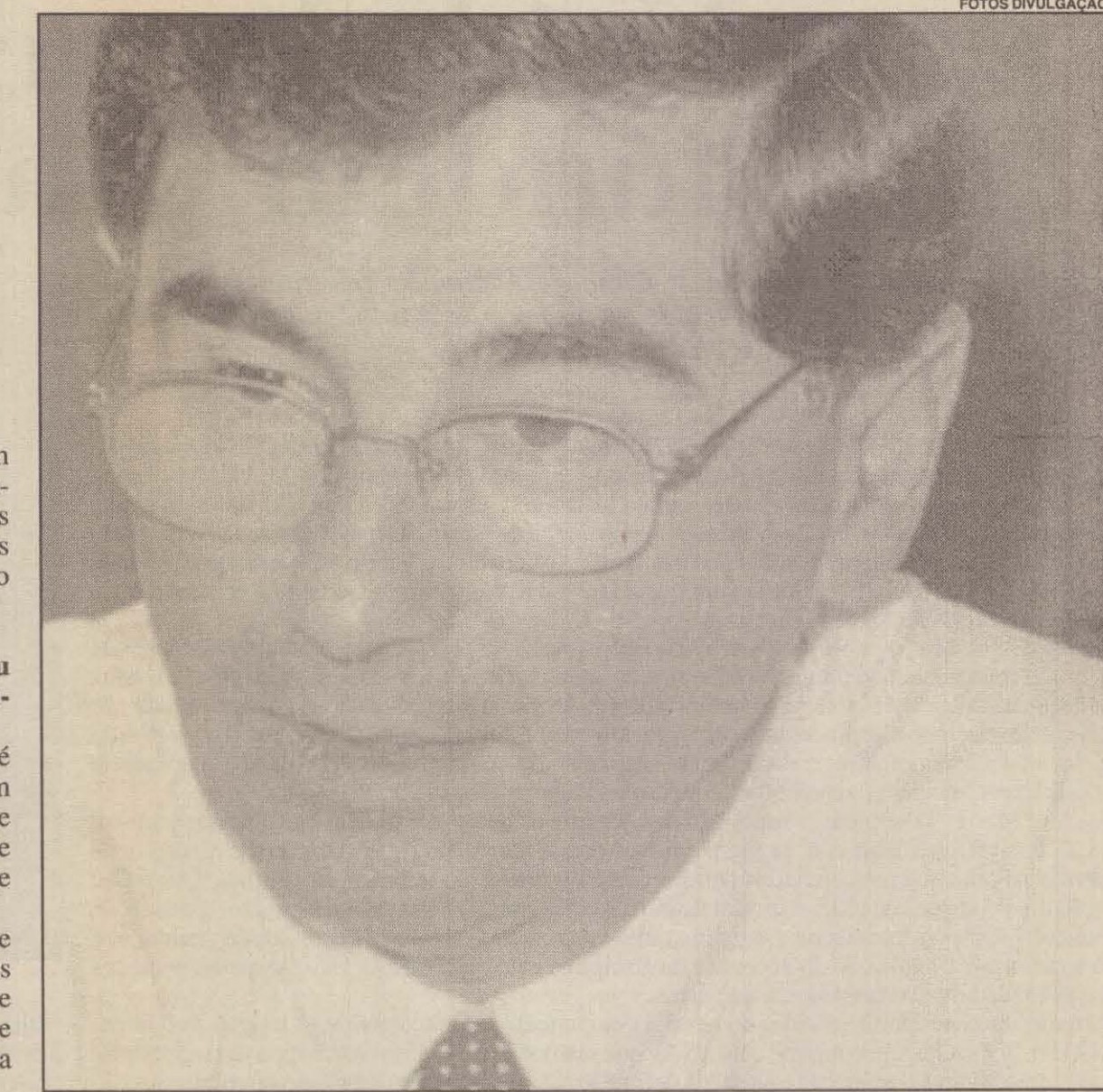
Milca – Autonomia universitária é um tema complexo e muito importante para as Ifes. Na minha visão, dever-se-ia abrir um amplo debate com os diferentes atores do processo: governo federal, Congresso Nacional, comunidade universitária e sociedade. A Andifes tem emvidado esforços no sentido de colocar este tema na pauta de discussões, porém, até o momento, não logrou êxito. Na minha opinião, há um ponto muito vulnerável na proposta de autonomia, que é a questão do financiamento. Sem uma clara definição sobre o financiamento das Ifes, seguramente, o projeto será prejudicado.



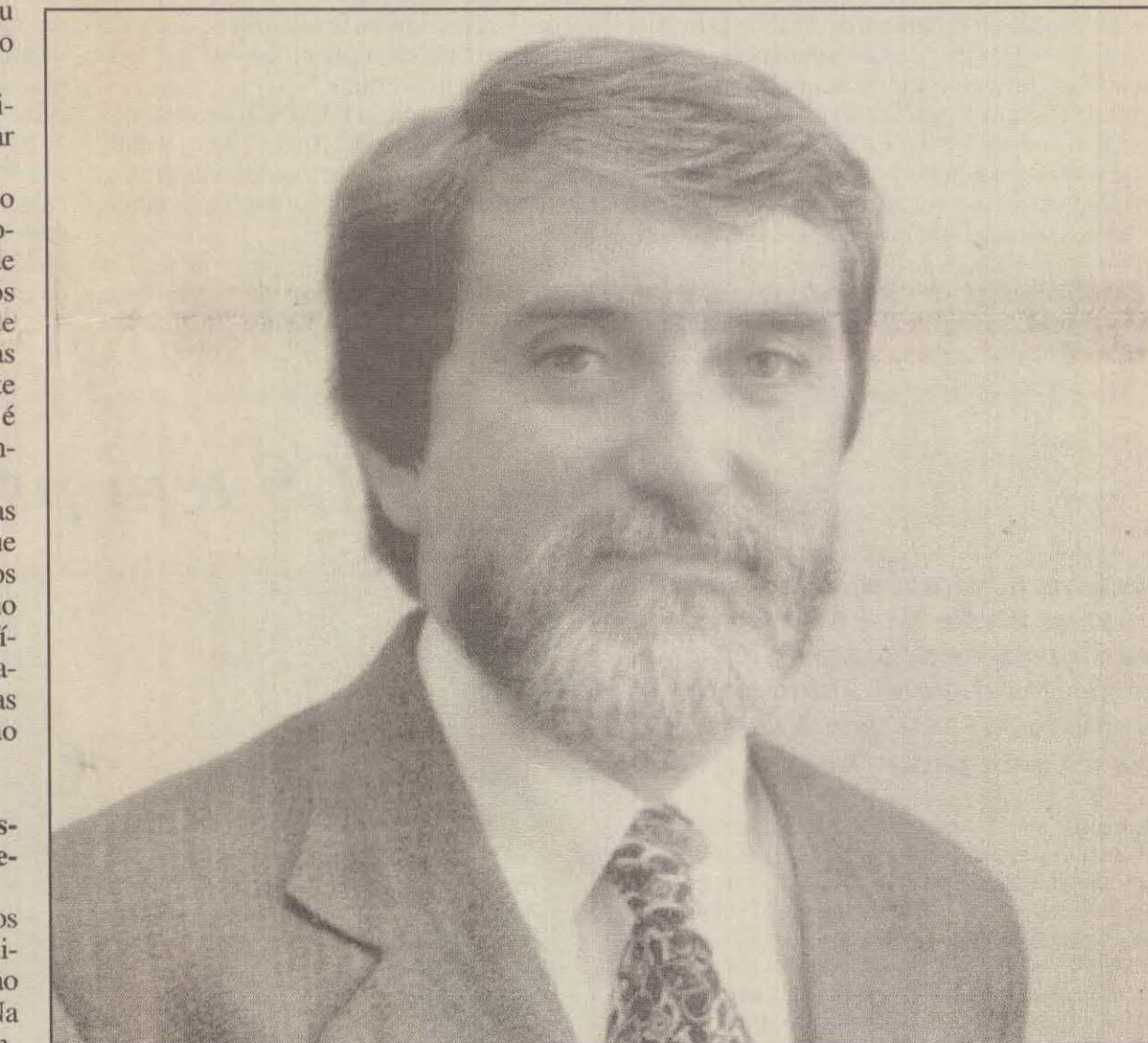
José Fernandes: “É necessário que as instituições federais de ensino tenham autonomia administrativa, didática e financeira para que possam cumprir com maior eficiência seu papel de formar cidadãos e pensar o desenvolvimento do país.”



Milca: “Na minha análise o custo x benefício é extremamente defensável, pois ensino de qualidade e geração de conhecimento são necessidades concretas e precisam ser supridas.”



Carlos Rodolfo: “O projeto de autonomia universitária vem sendo discutido há mais de dez anos sem que se tenha chegado a uma proposta definitiva. Apesar de a matéria ser constitucional, as instituições vêm, ano após ano, perdendo autonomia, chegando ao absurdo de ter que solicitar autorização ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão para poder contratar um professor substituto.”



José Antonio: “As propostas apresentadas pela Andifes são, no seu conjunto, ousadas em face da grandeza de suas metas, porém factíveis caso o governo federal garanta as condições necessárias de infra-estrutura, equipamentos e recursos humanos.”



Jader Nunes: “Abolir a compreensão autoritária reinante nos últimos oito anos de que o governo é o detentor da autonomia universitária e que, por essa razão, pode concedê-la no formato que pretender e na proporção que desejar. Não é. Ela é um princípio constitucional consagrado no artigo 207 de nossa Carta Magna.”

Unidades acadêmicas aprofundam avaliação interna

Os elementos norteadores do 2º Ciclo de Avaliação Institucional foram elaborados após quatro meses de reuniões nas unidades universitárias, Colégio de Aplicação e Escola Técnica

Abriu o Seminário de Avaliação: 2º Ciclo Avaliativo da UFRGS, no dia 12 de agosto, no Salão de Festas da Universidade, o vice-reitor e pró-reitor de ensino José Carlos Ferraz Hennemann, afirmou que esse contato direto com as unidades tem dado forte alicerce, caracterizando o atual momento de avaliação interna que se dá num diferente patamar de consciência no qual "conhecemos muito mais sobre nós mesmos". Ao aprofundar esta avaliação interna, Hennemann disse que o objetivo é trabalhar para que a Universidade tenha os elementos necessários ao planejamento e à gestão acadêmica.

Durante o seminário, a professora Ana Maria Braga, titular da Secretaria de Avaliação Institucional (SAI), órgão coordenador do programa de avaliação, apresentou à comunidade acadêmica o Programa de Avaliação Institucional Permanente, organizado em dez grandes etapas e que se estende até julho de 2004. Segundo ela, todo este processo "tem por meta avaliar o cumprimento da missão da Universidade na sua finalidade de educação e produção de conhecimentos, tendo por base os princípios da Pertinência Social e da Excelência sem Excludência", contidos no Plano de Gestão 2000/2004.

Para Ana Maria, "o seminário simboliza a sistematização do pensamento das unidades sobre a avaliação institucional hoje e se explicita através das 19 demandas". Ela destaca as quatro mais recorrentes nos documentos enviados pelas unidades e que serão trabalhadas em toda a UFRGS: avaliação das condições de infra-estrutura física e de equipamentos; avaliação, alocação, capacitação e valorização dos servidores técnico-administrativos; acompanhamento dos egressos de graduação e de pós-graduação; e avaliação do docente e da disciplina pelo discente. As 15 solicitações restantes serão aprofundadas pelas unidades acadêmicas.

O próximo passo é a indicação dos nomes dos componentes dos Núcleos de Avaliação das Unidades (NAUs). Serão eles, em conjunto com a SAI, que realizarão o trabalho sistemático para aproximar os grupos das diferentes unidades e chegar à definição das necessidades para o desenvolvimento do trabalho de avaliação institucional. Também serão criados sub-grupos a partir dos NAUs que, com a SAI, definirão e implantarão instrumentos e procedimentos para encaminhar as questões mais demandadas pelo conjunto das unidades.

DEZ ANOS DE SUCESSO

A reitora Wraha Maria Panizzi salientou o papel pioneiro da UFRGS no processo de construção dos programas avaliativos em nível nacional. Ela recordou a função definitiva que a Universidade desempenhou na criação do Programa de Avaliação Institucional das Universidades Brasileiras (Paiub), em 1993. Ao classificar de rica tal experiência, a reitora não deixou de alertar para o fato de que toda avaliação é um processo que desacomoda e se constitui em tema controverso.

A grande conquista política do histórico processo de avaliação interna da UFRGS foi o destaque dado pela professora Denise Leite, integrante do 1º ciclo avaliativo da UFRGS (1993 a 2000 - Paiufrgs) e que presta consultoria à atual coordenação do programa. "Na gestão que antecedeu a da professora Wraha houve disposição política. Na primeira gestão da atual reitora, além de decisão política, houve empenho para fazer um processo borbulhante de avaliação institucional."

A diretora da Faculdade de Educação, professora Merion Campos Bordas, que junto com Denise participou do Paiufrgs, disse estar alegre em ver que a UFRGS não perdeu o rumo e que a questão da avaliação continua sendo uma das prioridades desta universidade. Ao comentar o alto nível do trabalho



O seminário apresentou o Programa de Avaliação Institucional Permanente

realizado até agora, a professora destacou o quanto foi difícil para que este processo se instalasse. Embora reconheça que a Universidade como um todo está mais madura, adverte: "É estranho que professores que passam a metade de sua vida avaliando os outros sejam resistentes à auto-avaliação. Este é um grande problema". Merion sugere ainda que cada curso faça uma auto-avaliação quanto aos índices de entrada e saída de seus alunos. "Muitos entram, poucos saem," afirma.

Por outro lado, conforme Denise Leite, hoje não há mais resistência das unidades em colaborar com os programas de avaliação institucional. "Adotou-se uma postura de avaliação que entende o quanto é necessário saber o que se passa dentro da Instituição". Segundo ela, o que contribuiu para isso foram as soluções que começaram a surgir dentro das unidades a partir de novas medidas tomadas em função de procedimentos avaliativos. Mas a professora reconhece que a avaliação institucional não pode ser feita rapidamente, pois depende de um processo em que, primeiro, se constata, depois, se faz o diagnóstico, encontra-se o problema e procura-se onde atuar. Para Denise, a UFRGS já se apropriou desse processo de encontrar e trabalhar seus problemas. "Por isso esta avaliação tem dez anos de sucesso."

No final do seminário, foi entregue para cada diretor de unidade um exemplar do livro lançado na ocasião: *Avaliação Institucional permanente na UFRGS*. Eles receberam também um CD-Rom com a íntegra do Programa de Avaliação Institucional, indicadores institucionais e outras informações úteis às próximas etapas. O seminário teve transmissão simultânea pela Web TV, da Escola de Administração, e pode ser revisto pelo mesmo canal, bastando acessar a página da Administração no portal da Universidade <http://www.ufrgs.br/ufrgs/>. Maiores informações sobre o Programa estão disponíveis na página da Secretaria de Avaliação Institucional www.prograd.ufrgs.br/sai.

CEUE-UFRGS tem pré-vestibular grátis

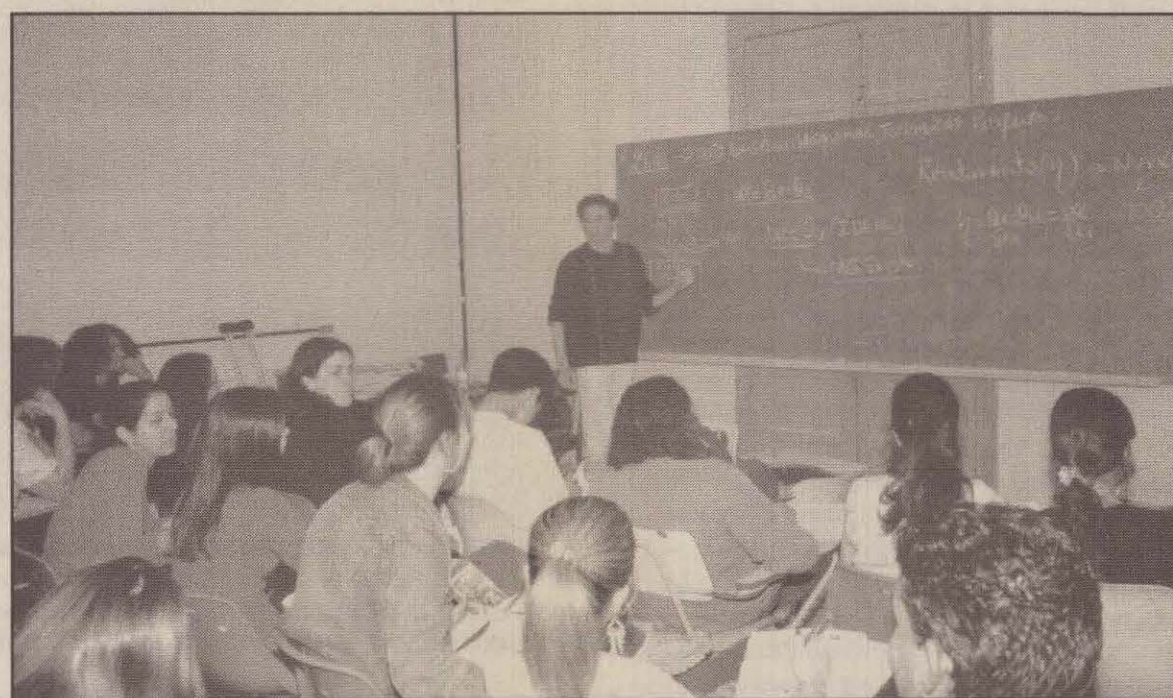
Estudantes dão aulas numa sala no antigo prédio da Engenharia, para 75 pessoas de todas as idades que gostariam de entrar para a universidade mas não têm recursos para pagar "cursinho".

Durante todas as tardes e noites de segunda a sexta-feira, uma sala com 75 lugares do antigo prédio da Engenharia da UFRGS, recebe estudantes das mais variadas idades, buscando condições para tentar uma vaga na universidade. São homens e mulheres, jovens e de meia idade, que sonham com a aprovação no vestibular, mas que não dispõem de recursos para bancar um curso preparatório. Por trás da iniciativa, estão outros estudantes que decidiram abrir mão de algumas de suas horas de folga para dedicarem-se ao trabalho voluntário.

O projeto Pré-vestibular do Centro dos Estudantes Universitários de Engenharia (CEUE), iniciado há cinco anos, conta hoje com 12 professores, todos alunos de diferentes cursos da UFRGS. A cada ano, a procura por vagas aumenta. Em 2003, foram cerca de 300 inscritos, mas o número de vagas disponíveis ainda é para 150 estudantes. Por isso, a renda familiar é decisiva na hora da seleção.

Assim como o projeto Pré-vestibular, outros trabalhos sociais realizados por estudantes da UFRGS pipocam em diferentes bairros de Porto Alegre - muitos deles com o apoio do Diretório Central de Estudantes (DCE).

Para o titular da Secretaria de Assuntos Estudantis (SAE), Angelo Ronaldo Pereira da Silva, a Universidade, muitas vezes, desconhece parte



desses trabalhos. Mas ele prevê que até o final deste ano o quadro mudará. Para isso, a SAE começou em janeiro a desenvolver um programa de mapeamento desses projetos, o que vai permitir conhecer de perto cada um deles e o trabalho desenvolvido. "Precisamos levar em conta que são alunos da UFRGS. E cabe à Secretaria acompanhar todas as ações promovidas pelos estudantes", diz Angelo.

Ainda em julho, será feito um levantamento em todos os diretórios acadêmicos. No próximo mês, os presidentes serão convidados a participar de uma

mesa-redonda, para discutir as dificuldades enfrentadas pelos diferentes grupos voluntários.

As informações colhidas nesse encontro ajudarão na elaboração de um edital, no qual serão selecionados dez projetos inscritos para se beneficiarem de verbas da Universidade. "Essa idéia ainda é embrionária, mas nada impede que no futuro busquemos novas parcerias, como, por exemplo, do Ministério da Educação", avalia Angelo. Além do edital, a SAE pretende colocar seus profissionais à disposição dos diferentes grupos. Entre eles, incluem-se psicólogos, pedagogos e assistentes sociais.

A tendência é que quanto mais se ampliar a discussão dos projetos sociais, mais estudantes aderirão à idéia. O que, na avaliação de Angelo, representa um ganho para os futuros profissionais, porque passam a conhecer de perto a realidade e os problemas enfrentados por grande parte da população brasileira. "Isso contribui para o crescimento não só profissional, mas também pessoal", acredita.

A estudante de Letras Ana Cláudia Godinho, colaboradora de um programa de alfabetização na Vila Jardim Universitária, bairro Agronomia, diz que esse trabalho é uma via de duas mãos. "É uma bobagem achar que chegaremos à vila como grandes iluminados, detentores de todos os conhecimentos. Ensinamos, sim. Mas aprendemos muito com eles também".

ALTERNATIVA CIDADÃ

Organizado por um grupo de estudantes e professores voluntários em 2000, o projeto Alternativa Cidadã vem preparando jovens e adultos de baixa renda residentes nas proximidades da Vila Santa Isabel, em Viamão. Foi inspirado no projeto Zumbi dos Palmares, que iniciou esse mesmo trabalho em 1995, baseado, por sua vez, num grupo que atua há mais tempo no Rio de Janeiro.

Na primeira turma, de 70 alunos, 20 professores se revezavam nas diferentes disciplinas. Três anos depois, no processo de seleção, participaram mais de 550 candidatos, dos quais 150 foram contemplados, incluindo-se aí 40 alunos do ano anterior.

Uma característica marcante do Alternativa Cidadã é o retorno de ex-alunos aprovados no vestibular para atuar como professor/colaborador do projeto. Hoje, são 12 ex-alunos participando do Alternativa e fortalecendo cada vez mais as bases do grupo.

Mostre seu talento e sua criatividade.

Participe do concurso Humorismo Gráfico Iberoamericano.

Envie seus desenhos para o e-mail humorgrafico@ufrgs.br nas categorias Humorismo de Situação, Caricatura e Artistas Novos.

Informações sobre prazo e premiações no site www.museu.ufrgs.br.



Universidade Viva



UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

IPH: meio século de história

Desde a concepção da idéia de um Instituto de Pesquisas Hidráulicas, ainda na Escola de Engenharia, onde a ousadia e a determinação de alguns professores falou mais alto, lá se vão 50 anos. O Instituto de Pesquisas Hidráulicas da UFRGS (IPH) cresceu, consolidou-se e hoje é reconhecido nacional e internacionalmente como um instituto que aposta cada vez mais na qualidade do seu ensino, na seriedade de suas pesquisas e projetos, nos trabalhos de extensão e prestação de serviços à comunidade. Em agosto, mês do aniversário do IPH, uma celebração no anfiteatro do prédio de ensino reuniu o passado e o presente num misto de emoção e saudosismo, mas com a certeza de um futuro cada vez melhor.

Fizeram parte do evento a reitora Wraha Maria Panizzi, o vice-reitor, José Carlos Hennemann, o diretor do IPH, Luiz Fernando Cybis, o diretor do Departamento Municipal de Água e Esgotos (Dmae), Carlos Todeschini, o superintendente de informações hidrológicas da Agência Nacional de Águas (ANA), Valdemar Santos Guimarães, o secretário executivo do Conselho Estadual de Recursos Hídricos e ex-aluno do IPH, Paulo Renato Paim, representantes da Secretaria do Meio Ambiente, o professor e membro da comissão de fundação do Instituto, Eurico Trindade Neves, o diretor da Escola de Engenharia, Renato Machado Brito, ex-diretores, professores, ex-professores, estudantes e técnicos-administrativos.

Para a reitora, numa Universidade que completará 80 anos em breve, comemorar os 50 anos do Instituto representa muito. "Mesmo em meio a tantas dificuldades, constituímos um patrimônio social. E nesse patrimônio social, os senhores trabalham com um dos recursos mais importantes no mundo: a água que nos mantém vivos."

O diretor do IPH lembrou ao público presente as dificuldades iniciais enfrentadas pelos pioneiros do curso, citou as atuais, reafirmando, porém, o comprometimento do Instituto com a qualidade de seu trabalho. "Com inventividade e emoção, acredito ser possível olhar para um futuro que continue louvando o passado", disse Cybis.

Após os pronunciamentos da cerimônia de abertura, foram descerradas as placas dos 50 Anos do IPH, uma das quais da Escola de Engenharia homenageando o Instituto. Foi lançado o livro comemorativo cinquentenário do IPH, organizado pelo professor Mário Luiz Damé Wre, uma coletânea de depoimentos e fotos que retratam as cinco décadas.

HISTÓRIA

O desempenho dos estudantes passa também pelo preparo de seus mestres. Hoje, o Instituto conta com

43 docentes, sendo 25 doutores, 12 mestres, três especialistas e três que estão fazendo doutorado, no Brasil. A estrutura física também vem somando pontos para o preparo e a formação de seus alunos. Ao todo, são 12 mil m² de área construída no Campus do Vale, entre pavilhões, laboratórios, setores de computação, instrumentação e hidrometria, biblioteca, anfiteatro, oficinas, salas de aula e gabinetes de trabalho.

Toda essa formação intelectual e a estrutura física estão voltadas para um único foco: a água, matéria-prima polivalente e imprescindível, que passou a ser um elemento de importância estratégica na condução da vida das nações, exigindo que haja não somente indivíduos, mas sobretudo instituições aptas a lidar com os problemas que a envolvem.

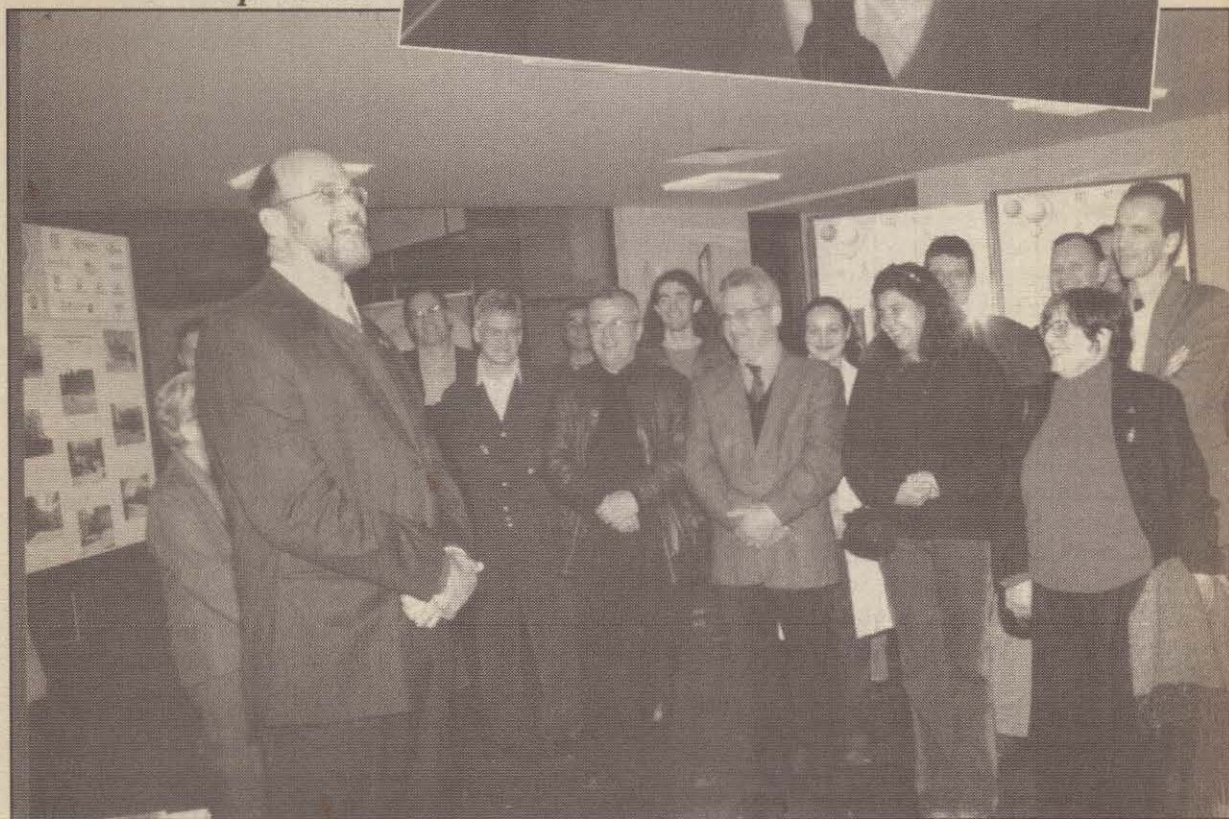
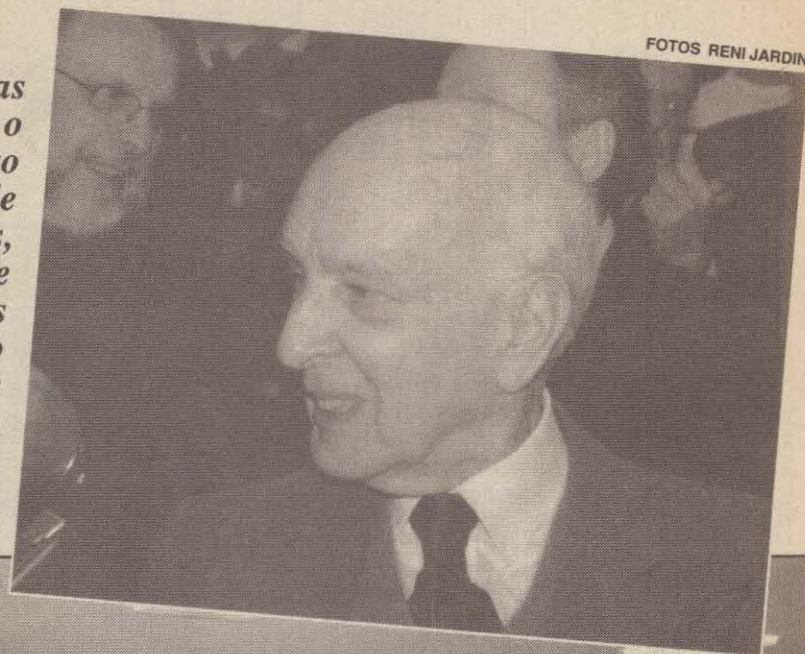
Foi acreditando na importância da água e na seriedade que projetos envolvendo o assunto exigia que, em 1953, uma comissão especial designada pelo então reitor Elyseu Paglioli — que tinha entre seus membros o professor Eurico Trindade Neves — reuniu-se para estudar a implementação do que viria a ser o IPH. "Surgimos de dentro da Escola de Engenharia, que forneceu a massa crítica inicial e o impulso necessário para o estabelecimento do Instituto", lembra Cybis.

A década de 60 estava chegando e, junto com ela, vinham a superação da etapa inicial e as mudanças promissoras para o Instituto. Já se formalizara um convênio, e a construção dos prédios estava a pleno vapor. Nos próximos anos, com o diretor José Leite de Souza, alguns fatos viriam a ser decisivos, marcando a vida do Instituto. Um deles foi quando o IPH se tornou, em 1964, o 1º Congresso Latino-americano de Hidráulica, projetando-o internacionalmente e colocando a seu alcance os conhecimentos dos maiores especialistas da área. O outro, no mesmo ano, deu-se com a participação de Leite na Comissão Brasileira para o Decênio Hidrológico Internacional, formada sob a responsabilidade da Unesco e com o patrocínio do Ministério das Relações Exteriores.

APOIO

A partir daí, o Instituto passou a contar com o apoio da Unesco para a criação dos cursos de pós-graduação na área dos Recursos Hídricos, através do Plano de Operações Universidade-Unesco. Teria, assim, suporte financeiro das Nações Unidas, com previsão de quatro anos e meio. Dois anos depois, dois cursos eram criados: o de Hidrologia Aplicada, em nível de mestrado, e o de Técnico de Hidrologia, de nível médio, para a preparação de hidrotécnicos, agentes auxiliares nos trabalhos de hidrologia, até hoje, o único no país a preparar hidrotécnicos.

Com placas comemorativas e o lançamento de uma coletânea de depoimentos e fotos, o Instituto de Pesquisas Hidráulicas comemorou em agosto 50 anos de funcionamento numa celebração que reuniu passado e presente.



O curso de Mestrado teve início em 1969 e atraiu estudantes de países como Argentina, Chile, Bolívia, Colômbia, Venezuela, Panamá e São Domingos. Professores de outras nacionalidades também desembarcaram em Porto Alegre para enriquecer ainda mais o pós que se iniciava. Vieram profissionais dos Estados Unidos, Alemanha, França, Inglaterra, Suécia, Finlândia e Hungria. Hoje, o curso aglutina todas as áreas de conhecimento relacionadas aos recursos hídricos. O curso de Doutorado veio tempos depois, em 1989, como consequência da alta qualificação alcançada pelo corpo docente.

CONSOLIDAÇÃO

Com a implantação do pós-graduação em Hidrologia

Aplicada, hoje denominada Engenharia de Recursos Hídricos e Saneamento Ambiental, a atividade diversificou-se, passando a ser praticada individualmente ou em pequenos grupos e resultando numa produção científica bem superior, a partir da década de 80. Atualmente, as pesquisas concluídas no IPH já somam mais de 200 títulos, e a média anual de artigos publicados em revistas e anais de congressos é de 75 textos.

Segundo Cybis, um novo desafio está previsto para 2004: a aprovação pela Universidade do curso de Engenharia Ambiental, a ser ministrado em parceria com a Escola de Engenharia. "Temos a expectativa de que esse curso já esteja sendo oferecido no vestibular de 2005", diz Cybis. Inicialmente, serão oferecidas 30 vagas.

Psicologia comemora 30 anos

Durante a abertura da semana de festividades, em agosto, foram homenageados os professores aposentados e ex-diretores, e uma placa oficializou o prédio conhecido por Ciclo Básico como o prédio da Psicologia

Abriu a semana de festividades comemorativas dos 30 anos do curso de graduação de Psicologia, do Instituto de Psicologia, realizou-se cerimônia com a presença da reitora Wraha Maria Panizzi, do vice-reitor, José Carlos Ferraz Hennemann, do diretor do Instituto, Paulo Kroeff, do vice-diretor Sergio Antonio Carlos, pró-reitores, ex-diretores do curso, diretores de unidades, chefes de departamentos, professores e ex-professores, estudantes, técnicos-administrativos e ex-alunos.

Em uma homenagem especial, foram entregues estatuetas intituladas *O Guerreiro* aos professores aposentados do curso e ex-diretores. A reitora também foi agraciada com uma dessas estatuetas. Depois da cerimônia, o público dirigiu-se ao prédio do Instituto, onde a reitora descerrou a placa comemorativa que oficializa o prédio, antes conhecido como Ciclo Básico, como da Psicologia. Um jantar para cerca de 100 pessoas encerrou a programação do dia.

O INÍCIO

Das primeiras aulas, em agosto de 1973, com 26 estudantes e seis professores, um funcionário e uma sala de aula, dentro de um departamento do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, lá se vão três décadas. O desafio inicial foi superado. Hoje, o Instituto tem 547 alunos, 27 técnicos-administrativos e um corpo docente de 31 professores, 81% dos quais com titulação de doutor, além de colaboradores. A procura pelo curso a cada vestibular — com média entre 27 e 30 inscritos por vaga — vem sendo uma resposta ao trabalho desenvolvido.

Ao longo do tempo, o Instituto de Psicologia da UFRGS foi se consolidando nacionalmente, colecionando já três conceitos "A" no Provão de avaliação dos cursos realizado pelo MEC. Os números são também expressivos quando o assunto é titulação: o Instituto já formou 683 psicólogos, 174 licenciados, 139 especialistas, 228 mestres e 26 doutores.

Atento às mudanças, desde o início, o curso teve flexibilidade no currículo, adequando-se às novas realidades e necessidades da sociedade. "Estamos orgulhosos com o que o Instituto tem feito", diz o diretor Paulo Kroeff. "Percebemos o prestígio que o curso tem adquirido e a grande aceitação por parte da comunidade. A satisfação com esse trabalho, realizado por todos, vem se somar a expectativa de concretizar muitas outras realizações."

DESAFIOS

Em 1973, quando a Universidade decidiu criar o curso de graduação de Psicologia, sabia-se que muitos desafios deveriam ser enfrentados. Até então, entre os anos 1940 e 1950, o departamento, vinculado ao IFCH, ministrava disciplinas para diferentes cursos. O cenário era muito diferente do de hoje. Na época, não havia a exigência de títulos de pós-graduação, o número de professores era de apenas seis e não se dispunha de um acervo bibliográfico adequado. "Fizemos com que desde o início os alunos entendessem quais eram as nossas dificuldades, e nos tornamos cúmplices e parceiros", diz Odair Peruggini de Castro, ex-professora e ex-chefe do Departamento. "Juntos, estudantes e professores, fomos desencadeadores de um processo de construção do Curso de Psicologia."

A pesquisa começa, aos poucos, a fazer parte da rotina dos estudantes. Em 1974, foi criado o primeiro grupo de pesquisas cognitivas, transformado em 1975 no Laboratório de Estudos Cognitivos. Em 1979, para que o curso pudesse ser reconhecido, foi aberta a Clínica de Atendimento Psicológico, hoje sob a direção da professora Martha Dominga Brizio e que passaria a funcionar como uma clínica-escola aberta à comunidade, auxiliando na formação de novos terapeutas.

Uma crise interna, em 1980, levou os alunos a fazer uma greve, no final da gestão do reitor Homero Jobim. Entre as reivindicações dos estudantes, estavam o remanejamento e a contratação de professores, participação na elaboração dos horários e aumento de vagas nas disciplinas. "Havia um tempero de rebeldia, mas muitas das exigências eram pertinentes. Os estudantes provocaram reflexões, por isso considero o movimento benéfico", reconhece Odair.

Mas a década de 80 foi também muito proveitosa. O curso criou a revista *Psicologia: Reflexão e Crítica*, uma das mais importantes do país, ampliou seu espaço físico com a mudança de endereço do Campus Centro para o Campus Saúde. Também passou a oferecer, a partir de 1988, o primeiro curso de pós-graduação *stricto sensu*, o mestrado em Psicologia do Desenvolvimento. Em 1995, consolidava-se a área da pós-graduação, com a implantação do doutorado em Psicologia do Desenvolvimento e em 1998, foi implantado o mestrado em Psicologia Social.

Um grande salto foi dado um ano depois, com a aprovação pelo Conselho Universitário da criação do Instituto de Psicologia, constituído por três departamentos: Psicologia do Desenvolvimento e da Personalidade, Psicologia Social e Institucional, e Psicanálise e Psicopatologia.

Além dos cursos de pós-graduação, de duas especializações com sete ênfases e um órgão auxiliar (Clínica de Atendimento Psicológico), o Instituto conta com diferentes laboratórios, centros e grupos de pesquisas, que atuam dentro e fora da Universidade, além das múltiplas atividades de extensão. "Essas atividades ampliam ainda mais o alcance do nosso curso e do Instituto, prestando serviços à comunidade, fazendo avançar o conhecimento e a ciência da psicologia", avalia Kroeff. O acervo da biblioteca também cresceu, e muito, nos últimos 30 anos. A biblioteca possui, hoje, cerca de 12 mil livros, teses e dissertações e 350 títulos de periódicos, além de textos em formato eletrônico, com acesso através do Portal da UFRGS.

SERVIÇOS E PROGRAMAS

A Universidade para a Terceira Idade (Uniti) é um projeto de extensão voltado para as pessoas de 60 anos ou mais. A cada semestre, cerca de 20 novas vagas são oferecidas a quem estiver disposto a participar de grupos de estudos que envolvem literatura, meio ambiente, artesanato, entre outros, com duração de até quatro anos. "Acreditamos que o Uniti vem sendo um renascimento para a vida de muitas pessoas", diz Odair, coordenadora do projeto.

A orientação profissional para adolescentes e adultos também vem sendo desenvolvida pelo Instituto desde 1993. Projeto de extensão, ensino e pesquisa, o Serviço de Orientação Profissional é aberto ao público em geral para orientação vocacional e profissional. Estudantes da Psicologia também estão presentes junto à rede pública de serviços de saúde mental e de escolas especiais da rede municipal de Porto Alegre.

O Programa de Acompanhamento Terapêutico, projeto de extensão iniciado em 1998, fez parte da formação clínica de alunos da graduação. Além disso, os estudantes desenvolvem atividades de ensino, pesquisa e extensão junto à comunidade através do Programa Especial de Treinamento (PET).



O Instituto de Psicologia conta com cursos de pós-graduação, laboratórios, centros e grupos de pesquisas, atuando dentro e fora da Universidade



CAMPUS

UFRGS na Expointer 2003

Na Expointer 2003 em Esteio, - de 30 de agosto a 07 de setembro - a UFRGS, em parceria com Emater e Fepagro, expôs seus trabalhos de pesquisa e extensão no espaço Caminhos da Integração.

Representando a UFRGS na comissão organizadora do evento estiveram o diretor da Faculdade de Agronomia, Gilmar Arduino Bettio Marodin, o professor Aroni Sattler e a representante do gabinete, Cláudia Kuele. Além destes, cerca de 80 pessoas ligadas à universidade, entre professores, alunos e técnico-administrativos, tornaram possível a presença da UFRGS no Caminhos da Integração 2003.

Eu quero uma casa no campo, quero carneiros e cabras pastando solenes no meu jardim. O desejo do homem urbano por um pouco de natureza, eternizado na voz da cantora Elis Regina, pode representar uma fonte de renda para o pequeno agricultor. Durante a Expointer deste ano, nos Caminhos da Integração, 5.500m² foram destinados a expor atividades conjuntas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária (Fepagro) e Emater. Desta área, 280m² foram usados para montar um pomar, reunindo atividades de apicultura, criação de carneiros e plantio de frutas. Segundo o agrônomo e professor da UFRGS, Aroni Sattler, esta é uma forma alternativa de sustento que a exposição de 2003 quis trazer como sugestão ao visitante do campo. "Enquanto as frutas se desenvolvem, as abelhas produzem o mel e os carneiros mantêm a área limpa."

Sattler também fez parte da comissão organizadora do evento junto com o diretor da Faculdade de Agronomia, Gilmar Arduino Bettio Marodin e da representante do gabinete da UFRGS, Cláudia Kuele. Eles participaram desde julho de reuniões com técnicos e assessores da Emater e Fepagro para viabilizar este que, na opinião de todos, foi o ano que resultou da grande cooperação das instituições envolvidas. "Quanto mais próximo mantivermos o ensino, a pesquisa e a extensão, melhor será para o produtor que visita a Expointer", avalia o assessor técnico na área de arroz e irrigação da Emater, Luis Antônio Deleon Valente. Entre os avanços dos preparativos para a Expointer, ele salientou o envolvimento mais efetivo da UFRGS na construção do espaço integrado deste ano no que diz respeito à montagem da estrutura. "A Universidade foi a responsável pela construção tanto dos 350m² de calçada que perfaz o caminho da integração, como pela base da praça interna", contabiliza Cláudia, comprovando o comentário de Valente.

Segundo Sattler, os professores também perceberam maior eficiência na organização deste ano. "Eles sentiram maior apoio quanto a detalhes de infraestrutura que antes ficavam ao encargo de cada um, dificultando muito o trabalho." A calçada foi outro benefício que gerou comentários positivos. Como é comum chover durante a realização da Expointer, sem o calçamento do caminho, os passeios se transformariam em verdadeiros lodaçais, dificultando o tráfego de visitantes e expositores. E foi justamente esta inovação que acabou dando nome ao espaço que reúne a ação conjunta das três instituições: Caminhos da Integração. Um espaço onde a UFRGS, a Emater e a Fepagro há três anos trazem ao agricultor e produtor rural o resultado de pesquisas e estudos nas diferentes áreas que envolvem a produção no campo.

Concurso para logo dos 70 anos

A comissão organizadora das comemorações dos 70 anos da UFRGS deu início às atividades instituindo um concurso para a criação de logomarca comemorativa destinado a estudantes matriculados em cursos de graduação e pós-graduação.

Essa logomarca deverá ser uma proposta inédita, ter no máximo quatro cores, citar o ano de 2004 e conter a expressão "70 anos". Mas não poderá ser uma derivação nem conter elementos gráficos da logomarca ou do brasão da UFRGS. Cada participante poderá concorrer com mais de uma proposta, apresentada em pranchas em forma de layout.

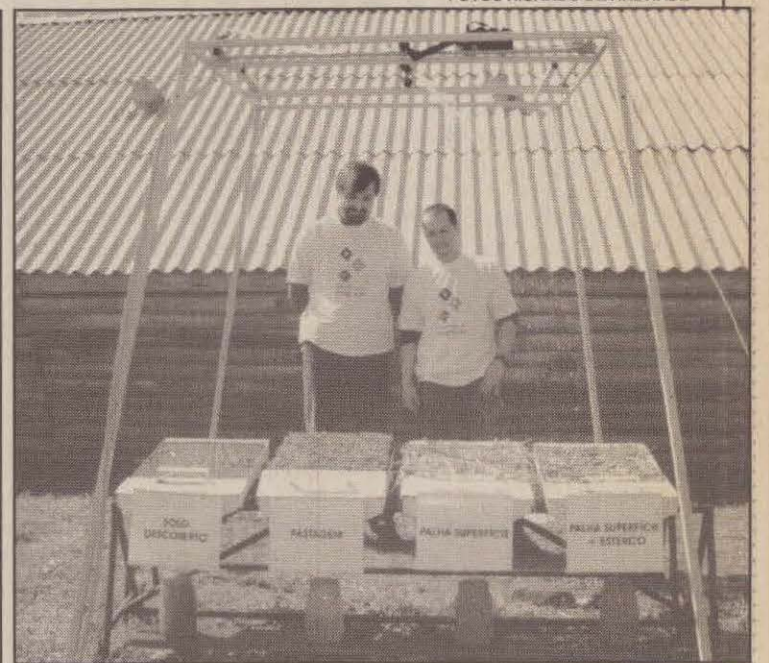
De acordo com os organizadores, a proposta da logomarca deverá considerar a aplicabilidade em peças como cartazes, folhetos, capa de publicação, convites, entre outros, bem como o uso em várias escalas e suportes entre eles papel, plástico, laminados, tecidos, Internet, tv etc.

Como prêmio, o autor da proposta selecionada receberá um periférico de computador. Ele cederá os direitos autorais à UFRGS e poderá participar no processo de produção dos materiais decorrentes de sua proposta para a divulgação do evento. À Comissão Organizadora dos 70 Anos da UFRGS caberá zelar pela adequada divulgação, em todos os instrumentos de difusão do evento e do nome do autor da proposta selecionada para identificar as atividades do evento.

O prazo de entrega encerra-se às 17h do dia 6 de outubro, na Sala da Comissão Organizadora, avenida Paulo Gama, 110, 6º andar (Prédio da Reitoria), das 8h às 12h e das 14h às 17h. Informações sobre programação e participação: <http://www.70anos.ufrgs.br>.



As plantas medicinais e o simulador de chuva foram atrativos entre os visitantes do Caminhos da Integração, na Expointer 2003



PÚBLICO DIVERSIFICADO

Cerca de 600 pessoas circularam, diariamente, nos Caminhos da Integração. Embora a predominância do público visitante tenha sido de origem urbana, mais de 300 excursões de agricultores organizadas por diferentes instituições estiveram no local.

"Os agricultores param e conversam. Sentem-se contemplados quando vêem suas plantas expostas e valorizadas", comenta a pesquisadora da Fepagro, com pós-graduação na UFRGS, Flávia Charão Marques, uma das responsáveis pela estande das plantas medicinais aromáticas e condimentares, localizada logo na entrada do Caminhos da Integração. "As senhoras chegam, sentam-se, e ficam trocando idéias", ilustra a pesquisadora. Ela também comenta o comportamento do visitante urbano: "A gente sente que as pessoas estão afastadas da natureza e vêm conversar, sentem-se mais próximas das coisas que fazem parte da origem do ser humano."

Para Flávia, esta diversidade de público responde à complexidade do trabalho oferecido ao visitante. Em 2002, o destaque foi dado às plantas e às oficinas, visando à produção animal. Este ano, tendo em vista a grande procura anterior, o enfoque foi a alimentação como parte do processo de saúde das pessoas. Mas também teve quem se interessasse em buscar informações para desenvolver produtos e cultivar plantas ou condimentos como alternativa de renda familiar.

O Departamento de Fitossanidade, da Faculdade de Agronomia, da UFRGS também participou da Expointer 2003. Sob a coordenação do professor Valmir Duarte, quatro estudantes e uma laboratorista falaram aos visitantes sobre os sintomas de doenças em plantas a partir de amostras afetadas com pragas. Além das orientações prestadas no local, os expositores divulgaram as atividades desenvolvidas no Laboratório de Clínica Vegetal da Universidade. Que, entre outras funções, realiza análises de vírus e viróides, fungos, procariotos, nematóides e insetos, e outras pragas em plantas e produtos de origem vegetal, emitindo laudos de diagnóstico fitossanitário. Também relativo à saúde dos vegetais, o professor Fábio Dal Soglio, da Agronomia, levou à exposição informações sobre o controle biológico de pragas e doenças em citros.

Para a estudante de Agronomia, Maria Isabel Finger, é comovente a expectativa dos agricultores que chegam ao estande em busca de informações sobre o combate ao cancro cítrico. A partir de 1978 - ano em que a praga entrou no estado, provavelmente pela fronteira com a Argentina - a região produtora de frutas cítricas tem vivido este problema. Isabel, diz que a reclamação dos agricultores é quanto à falta de esclarecimento mais generalizado no meio

Alunos do Direito fazem Simulação Acadêmica da ONU

Acontece de 16 a 29 de outubro o UFRGS Model United Nations (Simulação Acadêmica da ONU) organizado por um grupo de 30 alunos do curso de Direito, com a coordenação da professora Cláudia Marques. As atividades serão desenvolvidas na Escola de Administração (Rua Washington Luis, 855) e no Tribunal Regional Federal, 4ª região, (Rua Otávio Francisco Caruso da Rocha, 600). Esta simulação proposta pela ONU ocorre no mundo inteiro em diferentes universidades e tem como objetivo levar ao cotidiano acadêmico a discussão de temáticas globais que afetam o bem-estar mundial.

Na UFRGS é a primeira vez que ocorre esta atividade que será desenvolvida em inglês. Serão simulados debates simultâneos em cinco comitês, sendo que cada um abordará dois temas específicos. A Corte Internacional de Justiça debaterá o caso da plataforma de petróleo do Irã versus Estados Unidos e o caso de um prisioneiro mexicano e a ação norte-americana. O Comitê de Segurança terá como questões a situação em Serra Leoa e guerrilha/terrorismo. Já o Comitê Jurídico abordará o caso dos transgênicos e a clonagem reprodutiva de seres humanos. O Comitê de Direitos Humanos debaterá a universalidade dos direitos humanos e os DH frente organizações econômicas internacionais. E o Programa Ambiental vai discutir os recursos de águas doces transfronteiriças e créditos de carbono. Maiores informações sobre o UFRGS Model United Nations podem ser obtidas no endereço www.ufrgs.br/ufrgsmun.

produtor. Enquanto alguns eliminam a praga de suas plantações, outros se omitem, acarretando a perda total das plantações. "Desesperados, eles vêm buscar o controle da situação", observa a estudante. Preocupada, comenta que é difícil responder a apelos como estes: "Vocês que estão estudando, estão pesquisando, podem nos dizer como fazer este controle. Podem nos dar uma luz". Informações sobre problemas em outras culturas também foram muito solicitadas, como é o caso da ferrugem da soja.

UMA TRILHA DE INFORMAÇÕES

No total foram 18 ações conjuntas ao longo da trilha que integrou os esforços da UFRGS, Emater e Fepagro. Estiveram em exposição durante a feira trabalhos das áreas de fruticultura, ovicultura, apicultura, saúde das plantas, energia alternativa, conservação do solo e plantas medicinais. Na entrada dos Caminhos da Integração, um jardim expunha diferentes opções de plantas medicinais, espaço preferido das crianças. A seguir vinha o estande da agroindústria, onde era demonstrado o preparo de diferentes carnes e a confecção de embutidos e hambúrgueres de peixe. Ao cruzar a pequena ponte construída na calçada, chegava-se ao espaço da piscicultura, com dois trabalhos da UFRGS ligados ao setor de Aquicultura do Departamento de Zootecnia da Faculdade de Agronomia: *As vantagens do consumo do pescado* e *Produza "Comlicença"*.

O primeiro trabalho é resultado da pesquisa de mestrado da médica veterinária Cristine Cervo, sob a orientação da professora Sílvia Guimarães de Souza, também responsável pelo setor de Aquicultura e dos trabalhos apresentados na Expointer 2003. Esta pesquisa trata da produção de hambúrguer de peixe a partir da carpa capim, que representa 96% da produção de piscicultura gaúcha, segundo Sílvia. Aproveitando a alta produção e considerando a desvantagem competitiva da carpa no mercado, devido a presença de espinhos, a pesquisa de Cristine agrega valor ao peixe cultivado e tem um menor ciclo de produção, utilizando pescados de menor peso. Segundo Sílvia, um dos possíveis usos do hambúrguer de peixe é na merenda de escolas públicas. Idéia que teve repercussão entre os técnicos da Emater e Fepagro durante a exposição, o que pode resultar na indicação de um município como piloto na implantação do hambúrguer de peixe na rede pública de ensino.

O outro trabalho, *Produza "Comlicença"*, é um projeto que visa não só despertar a consciência da necessidade do licenciamento ambiental junto à Fundação Estadual de Proteção Ambiental (Fepam), como também o cadastramento do piscicultor no Ministério da Agricultura e Abastecimento. "Durante a Expointer foram dezenas de produtores interessados", comenta Sílvia, que coordena o projeto. Segundo ela, existem apenas 20 piscicultores licenciados no Estado. Ela ressalva a

importância do cumprimento da lei quanto ao licenciamento para uma preservação ambiental mais efetiva e sugere o reconhecimento daqueles que a cumprem. "Isso vai ocorrer na medida que houver a aproximação cada vez maior entre as instituições que visam a produção e aquelas que lutam pelo controle do impacto ambiental", afirma a professora-pesquisadora.

SOLO E ENERGIA

Aspectos como menor impacto ambiental, redução do custo de investimento e maior retorno financeiro são preocupações recorrentes em pesquisas realizadas nos diferentes cursos da UFRGS, voltadas ao setor agrícola. Quando, este ano, o Departamento de Solos demonstrou na Expointer a produção do chamado inoculante biológico, contendo bactérias fixadoras de nitrogênio atmosférico, queria justamente levar ao agricultor esta opção mais barata e menos agressiva ao meio ambiente em substituição às adubações de fertilizantes nitrogenados para culturas de leguminosas, como soja, alfafa e ervilha. Estes, além de mais caros, podem apresentar perdas na aplicação, representando tanto o desperdício do produto como agressão ao meio ambiente com a dispersão do adubo no ar. Para demonstrar as vantagens econômicas do inoculante biológico para leguminosas, o coordenador do projeto, professor Pedro Selbach, comenta o cultivo nacional de soja. "Teríamos uma economia de 1 bilhão de dólares por ano se adotássemos no Brasil o inoculante biológico em vez dos adubos nitrogenados."

Outro trabalho levado à feira pelo Departamento de Solos foi o microsimulador de chuva. De cunho mais didático, este experimento demonstra a ação da água da chuva sobre solo com diferentes tipos de coberturas. Para isso, o Instituto de Pesquisas Hidráulicas (IPH) colaborou com o trabalho, construindo um simulador de chuva. Aroni Sattler, membro da comissão organizadora do Caminhos da Integração pela UFRGS, diz que esta forma de apresentar as experiências ou pesquisas provoca mais a curiosidade no visitante, estimulando perguntas e intercâmbio com pesquisadores e técnicos.

De custo maior que o inoculante biológico, mais rentável ao longo do tempo devido o baixo custo de manutenção, o aerogerador levado à Expointer pelo curso de mestrado da Faculdade de Engenharia Elétrica da UFRGS pode gerar energia em áreas onde a rede elétrica ainda não chegou, comenta o mestrando e coordenador da pesquisa, Sérgio Severo. O aerogerador tem durabilidade de 20 anos, e sua bateria só precisa ser trocada a cada cinco anos. O equipamento deve ser fixado na extremidade de uma torre de 25 metros de altura, pois uma das condições básicas de funcionamento é a ação do vento, e seu custo de produção é 70% menor do que o do importado.

DCE com nova diretoria

No dia 12 de setembro, tomou posse a nova diretoria do Diretório Central dos Estudantes da UFRGS em cerimônia especial na sede estudantil, com a presença da reitora Wra Maria Panizzi. De um total de 3.398 votos a chapa Movimento Mãos à Obra teve a preferência de 48% dos estudantes, com uma votação de 1.603 votos. O novo presidente é o estudante de Direito, Ramafis de Castro, o 1º vice é o estudante de Filosofia, Lorenzo Ribas e o 2º vice é o estudante de Administração, Marcel Biscaino.

As eleições ocorreram nos dias seis e sete de agosto nos quatro campi da Universidade. O processo inovou com a utilização de urnas eletrônicas, sendo que os mesários receberam treinamento do Tribunal Regional Eleitoral (TRE). Participaram da disputa sete chapas com o seguinte resultado: chapa três, DCE em Movimento, 758 votos; chapa seis, Reciclando o DCE, com 753 votos; chapa quatro, Amar e mudar as coisas, 129 votos; chapa sete, DCE livre, 87 votos; chapa dois, Oposição de Esquerda e de Luta, com 17 votos; brancos e nulos 51 votos. No mesmo período ocorreu a eleição para os novos representantes discentes dos oito conselhos superiores.

A principal meta para a diretoria que assume, segundo Ramafis, é consolidar o DCE junto aos estudantes, "aspecto que perdeu muito da sua legitimação na última gestão", comenta. A nova direção pretende trabalhar no sentido de conscientizar os estudantes da importância da entidade e do presente momento que vive a universidade pública brasileira frente aos interesses econômicos internacionais com vistas a privatizar o ensino superior. "O papel do DCE é criar políticas institucionais acadêmicas que visem a inclusão desta conscientização na vida dos estudantes", destaca o presidente.

Outras das preocupações da diretoria do DCE são a autonomia universitária, a gratuidade e qualidade de ensino, pesquisa e extensão. Com o slogan "a favor das aulas - greve agora não", a chapa Movimento Mãos à Obra, defendeu a idéia de que o movimento estudantil só pode ter algum posicionamento "após profunda discussão das consequências da reforma da previdência para a universidade pública e para o Estado brasileiro", afirma Ramafis.

Ao comentar a pesquisa sobre o perfil do aluno da UFRGS, realizada pelo Laboratório de Observação Social do IFCH, Ramafis diz que os dados levantados no estudo avalizaram algumas posturas do programa de gestão. Destaca a questão do "espírito UFRGS", abordada na pesquisa, quando os alunos foram questionados sobre como vivem este sentimento. "Percebemos que é muito aquém do que poderia ser." Na opinião do dirigente estudantil, a comunidade acadêmica se orgulha muito menos do que poderia se conhecesse melhor a instituição da qual faz parte. Neste sentido, ele reforça a importância do DCE neste trabalho de conscientização.

O humor "queer" na obra de Caio Fernando Abreu

LUÍS FRANCISCO WASILEWSKI

Estudante do Instituto de Letras, bolsista de iniciação científica - CNPq

Irônico e iconoclasta, o escritor se considerava uma figura atípica na literatura brasileira

“Sempre foi tão desagradável ser rotulado como uma coisa só – ou introspectivo, ou depressivo, ou drogado, ou hippie, ou gay, ou qualquer coisa assim”. Em entrevista para o jornal Zero Hora do dia 31 de maio de 1995, época do lançamento do livro *Ovelhas Negras*, Caio Fernando Abreu pincelou rapidamente a dificuldade com que a crítica, seja a acadêmica, seja a jornalística, tinha em lidar com sua obra. Até a revelação de sua condição de soropositivo na crônica “Última carta para além dos muros”, publicada no jornal O Estado de S. Paulo, em 18 de setembro de 1994, Caio era um escritor que vivia à margem do meio acadêmico.

Irônico e iconoclasta, quando indagado sobre essa dificuldade por Marcelo Secron Bessa na entrevista “Quero brincar livre nos campos do senhor”, disse: “Acho que sou uma figura um pouco atípica na literatura brasileira. (...) Na minha obra aparecem coisas que não são consideradas material digno, literário. (...) Mas deve ser insuportável para a universidade brasileira, para a crítica brasileira assumir e lidar com um escritor que confessa, por exemplo, que o trabalho do Cazuzu e da Rita Lee influenciou muito mais do que Graciliano Ramos. Isso deve ser insuportável. Você compreende? Isso não é literário. E eu gosto de incorporar o chulo, o não-literário”.*

Com o episódio da doença, Caio transforma-se (a expressão é dele) em uma *instant celebrity*. Pululam adaptações teatrais de sua obra (anteriormente, apenas Luiz Arthur Nunes, Luciano Alabarse e Gilberto Gawronski levavam regularmente seus textos à cena). E *last but not least* a academia (leia-se a universidade) começa a estudar a sua obra.

Caio também esteve ligado a um fenômeno teatral da década de 80, o besteiro, gênero em que o travestimento era um dos recursos cômicos

Uma das razões da marginalidade de Caio no meio acadêmico é o fato de que estamos diante de um escritor irônico, de senso de humor aguçado, que nunca teve o menor pudor em criticar o que para ele era equivocado. Na organização do livro *Caio Fernando Abreu – Cartas*, Ítalo Moriconi define o humor de Caio como *queer*, que traduzido para o português assume o significado de “bicha” ou “estranho”. Ítalo cita José Simão como o grande expoente desse estilo na imprensa brasileira. Outro autor que levou à imprensa essa forma de escritura foi o recentemente falecido Mauro Rasi, que em suas crônicas muitas vezes assumia uma voz feminina, no caso, o de suas tias. Essa é, justamente, uma das características do que pode ser classificado como uma “escrita *queer*”, ou seja, um travestimento em que o autor assume uma personalidade feminina.

No caso de Caio, há também a criação e a apropriação de um léxico advindo da linguagem do mundo gay dos anos 80. Aparecem expressões, algumas hoje em domínio público, como “Jacira” (para designar bicha escandalosa), “lasanha” (homem bonito), “Irene” (bicha velha), “Telma” (bicha enrustida), “saia justa” (situação incômoda). “Jacira”, segundo Caio, advém da personagem Jacir do seu romance *Onde Andará Dulce Veiga?*. Logo após, a compositora gaúcha (radicada em São Paulo) Laura Finochiaro transforma *As Jaciras* em tema de uma música. Caio também escreveu o texto “A lenda das Jaciras”, em que estabelece uma tipologia dos diversos tipos de homossexuais, e que foi publicado postumamente na extinta revista Sui Generis.

É interessante notar que esse travestimento já está presente em textos anteriores. Em “A Verdadeira estória de Sally Can Dance (and the kids) história” do livro *Pedras de Calcutá* (1977), em que faz uma experimentação formal com a narrativa contística, Caio descreve assim a personagem Sally: “Pruca verde, longo de cetim púrpura, unhas cintilantes, sandálias douradas de altíssimas plataformas, Sally miró at herself in the glass. Passou lentamente las manos pelos quadris, o vestido realçando um pouco o busto quase inexistente”. Em uma das considerações finais do conto, quando Caio fala do destino da personagem Selma, surge a lenda Jacira: “About Selma: sabe-se que atualmente percorre a bacia amazônica colhendo grandes aplausos da crítica especializada, sob o pseudônimo de Jacira, a Fera Equatorial, engajada como trapezista no Gran Circus Life Circus Est, de pro-



Caio e um amigo ator em pose de “Sally Can Dance” por volta de 1977

priedade da trapezista Gilda, com quem, comentase, mantém conturbado envolvimento sáfico.”

Mas é na literatura epistolar, um gênero de caráter mais confessional, que este humor de Caio aparece completamente desabrido. Neste sentido, a correspondência que manteve com Gerd Hilger (seu tradutor alemão) é bastante significativa. Dois excertos: “Depois, claro teve o lado bonito. Passei no Ritz, Jaciras e Irenes de bigode, como em todos bares gays do mundo, de Assumpción a Jacarta, passando por NY”. “Gerd Alberto da Silva Hilger, como o senhor é guloso! Já pedindo foto da MINHA lasanha completamente pelado(a)...”

Vejamos também trecho de uma carta de Caio para a artista plástica Maria Lida Magliani: “Domingo, depois de ver aqueles franceses aos berros no Anhangabaú – o novo pólo cultural da cidade –, imagina, me arrastaram pruma boate gay. As 6 da tarde. Algo assim como o underground de Canapi. Na altura do segundo uísque, dei por mim no banheiro esbofetando uma bichinha desmaiada (totalmente desconhecida), molhando os pulsos da frágil criaturinha aos gritos de “reage, menina”. Ela chorava, tornava a desmaiar, repetindo que o namorado a havia trocado por uma machorra. Pode, Madigli?”

Ou então numa carta para o publicitário Marcelo Sebá, em que isso aparece de forma mais translúcida, Caio fazendo uma verdadeira cosmogonia gay: “...e no oitavo dia, exausto de tanta seriedade, Deus criou as Jaciras – que imediatamente criaram as boates gays, as saunas, os musicais da Metro, os bois de plumas, os saltos altos, o batom, os desfiles de moda, os pores de sol, a lua cheia, etc, etc – e Deus enfim relaxou. Ficou tudo mais divertido, e ao contrário do que conta a lenda, só no décimo dia é que conseguiu descansar de toda a jacirice (o que dizem, até hoje não conseguiu completamente).”

Caio esteve também relacionado a um fenômeno teatral da década de 80 em que o humor *queer* era a tônica: o besteiro. Um estilo de teatro composto na maioria das vezes por textos curtos, em que justamente o travestimento, além de literário, literal, e o *queer* textual, eram os recursos cômicos. O besteiro teve seu momento máximo quando chegou à televisão em programas como o *TV Pirata*. Ítalo Moriconi diz que Cazuzu e Renato Russo foram almas irmãs de Caio. Da mesma forma, digo que Mauro Rasi, Vicente Pereira, Luiz Carlos Góes, Eduardo Dusek e Stella Miranda (alguns dos criadores do besteiro), foram também almas irmãs. Há na obra referências a todos eles. E uma das figuras muito próximas de Caio, a atriz gaúcha Grace Gianoukas, mostra que o estilo irreverente e iconoclasta do besteiro mantém-se vivo. Ela é a mentora de um dos espetáculos de maior sucesso atualmente em São Paulo, a “Terça Insana”, em que todos os recursos anteriormente cita-

dos aparecem como forma humorística.

No entanto, é Vicente Pereira a figura mais importante na vida de Caio. Em uma carta para Gerd Hilger (setembro de 1993), logo após a morte de Vicente, ele diz que perdeu seu melhor amigo. Em carta para Jaqueline Cantore (março de 1995), diz que de todos os amigos que sucumbiram à AIDS, a saudade mais dolorida é a de Vicente. Alguns dados biográficos levantados por Ítalo para a edição da correspondência, indicam que foi o dramaturgo também quem iniciou Caio junto à seita do Santo Daime. Vicente é um dos anjos que Caio abraça

Nos últimos textos ele tomava uma atitude ora irônica ora revoltosa em relação ao vírus da Aids; nunca assumiu uma postura comiserativa

na crônica “Segunda carta além dos muros”, publicada em O Estado de S. Paulo e incluída no livro *Pequenas Epifanias*. Nesta crônica, Caio cria uma metáfora para falar ao leitor de sua primeira internação hospitalar em decorrência do HIV.

Por sinal, Caio, segundo os estudos de Marcelo Secron Bessa nos livros *Histórias Positivas* e *Os Perigosos*, é o primeiro escritor no Brasil a tratar literariamente da temática da Aids. A novela “Pela Noite”, do livro *Triângulo das Águas*, cuja primeira publicação data de 1983, é vista como marco inaugural do assunto. O tema é o encontro das

personagens Pêrsio e Santiago, que resolvem empreender uma longa jornada na noite gay paulistana. Em um trecho a personagem Pêrsio diz: “Tenho milhões de medos. Alguns até mais graves. Medo de ficar só, medo de não encontrar, medo da Aids. Medo de que tudo esteja no fim, de que não exista mais tempo para nada. E da grande peste”.

E a Aids aparecerá então na quase totalidade das obras escritas a partir de 1983. Nos contos de *Os Dragões Não Conhecem o Paraíso*, especialmente em “Linda – uma história horrível” e “A Dama da Noite”. Neste, há uma passagem em que a personagem (sem nome) estabelece um diálogo com um interlocutor que ela chama tão-somente de Boy: “Você não viu nada, você nem viu o amor. Que idade você tem? Vinte? Tem cara de doze. Já nasceu de camisinha em punho, morrendo de medo de pegar Aids”. Quando levou *A Dama da Noite* à cena, Gilberto Gawronski criou a *drag queen* Dana Avalon como representação da personagem do conto. Posteriormente, a Aids surge com toques de humor negro nas peças *Zona Contaminada* e *O Homem e a Mancha*, ou como o desfecho de um mistério, como no caso do romance *Onde Andará Dulce Veiga?*.

Para o jornal Zero Hora, Caio fala do humor que buscou para driblar o sofrimento devido à internação em decorrência do HIV. Diz: “Fiz um rap para o AZT, os nomes de remédios pro HIV são muito engraçados. Pode parecer uma coisa mórbida, mas eu me diverti muito”. Nos últimos textos, tomava uma atitude ora irônica, ora revoltosa em relação ao vírus. Nunca assumiu uma postura autocomiserativa. Numa das crônicas, também incluída em *Pequenas Epifanias*, descreve em tom cáustico suas noites de insônia: “Mais horrível é quando não durmo de puro ÓDIO. Fico então tentado a ligar para Hilda Hilst, outra que também dorme mal. Hilda me disse que reza, e chora, e pensa com pena e dor no planeta, e que tudo se agravou desde que cometi a imprudência de enviar a ela um livro do psicanalista gaúcho Ernesto Bono – exatamente aquele em que ele levanta a in-

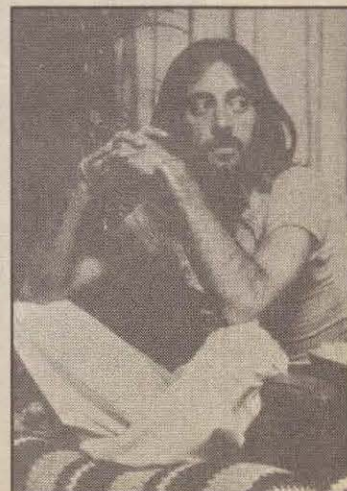
quietante tese de que a terra está tomada por extraterrestres do mal, capazes de substituir um ser humano por um clone, ou simplesmente seqüestrá-lo. Desde que leu Bono, Hilda – delirante impressionável, e um pouco por isso mesmo a mais brilhante escritora brasileira viva – acrescentou às suas velhas angústias noturnas mais essas: ser trocada por um ET... Esse medo eu não tenho, tô muito bombardeado para interessar a ETs...”

Em sua peça *O Homem e a Mancha*, um jogo intertextual feito não só com o romance de Cervantes mas também com autores como Garcia Lorca e Nelson Rodrigues, além de homenagear ícones da cultura gay como a atriz espanhola Sarita Montiel, Caio cita uma frase de Vicente Pereira que para ele funcionava como espécie de inscrição para uma lápide: “Sempre que mais de três pessoas estiverem reunidas em meu nome, eu estarei entre elas. Com um decote bem profundo...”

* Obras e entrevistas mencionadas no texto: *Pedras de Calcutá* (editora Alfa-Omega, 1977), *Os Dragões não Conhecem o Paraíso* (Cia das Letras, 1988), *Onde Andará Dulce Veiga?* (Cia das Letras, 1990), *O Triângulo das Águas* (Siciliano, 1991), entrevista para Zero Hora (31 de maio de 1995), *Teatro Completo* (org. Luiz Arthur Nunes, Sulina, 1996), *Pequenas Epifanias* (org. Gil França Veloso, Sulina, 1996), *A Lenda das Jaciras* (revista Sui Generis, 1996), *Histórias Positivas: a Literatura (des)construindo a AIDS* (Marcelo Secron Bessa, Record, 1997), “Quero brincar nos campos do Senhor” (entrevista para Secron Bessa in revista *Palavra* do Departamento de Letras da PUC/RJ, 1977), *Caio Fernando Abreu – Cartas* (org. Ítalo Moriconi, editora Aeroplano, 2002) e *Os Perigosos* (Marcelo Secron Bessa, Aeroplano, 2002)

Instituto de Letras promove concurso de contos

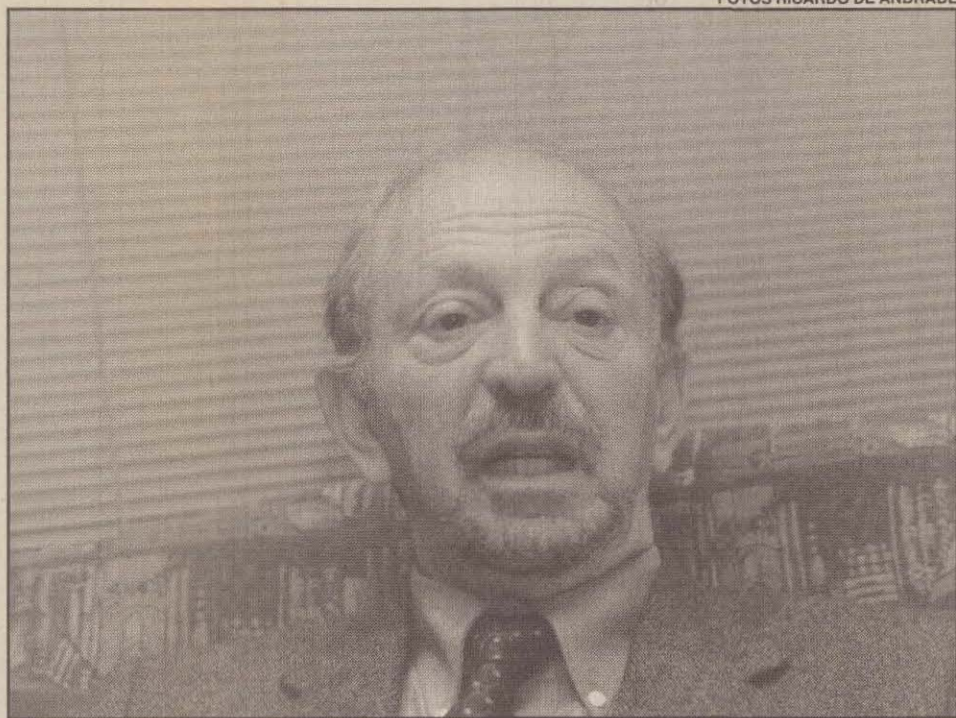
Em 12 de setembro, Caio completaria 55 anos. Para marcar a data, o Instituto de Letras (onde ele estudou no fim dos anos 60) está lançando o “Concurso de Contos Caio Fernando Abreu 2003”. Aberto à comunidade da UFRGS (alunos, professores e técnicos administrativos), o concurso estará com inscrições abertas de 1º a 31 de outubro de 2003. O regulamento e o cupom de inscrição podem ser retirados na Pró-Reitoria de Extensão (Av. Paulo Gama, 110), no Departamento LET III (sala 124 do Instituto de Letras – Campus do Vale) ou acessados na página eletrônica www.ufrgs.br/iletras. Cada participante poderá concorrer com dois contos inéditos, sem limite de extensão. Os resultados serão divulgados a partir dos dia 20 de dezembro e os três contos vencedores publicados nos Cadernos de Letras do IL. A comissão organizadora do concurso é formada pelas professoras Léa Sílvia dos Santos Masina e Patrícia Lessa Flores da Cunha, a doutoranda Maria Luíza Bonorino Machado e os alunos Denise Mallmann Vallerius e Luís Francisco Wasilewski.



Moacyr Scliar, um homem simples

●ADEMAR VARGAS DE FREITAS
Jornalista

Embora viva com conforto, o escritor Moacyr Scliar dispensa mordomias. Considera-se um homem muito simples, como eram seus pais. Aos 66 anos de idade – após longa carreira como médico sanitário, atuante como professor universitário, conferencista e autor de 68 livros que lhe renderam fama e honrarias e o levaram a ser eleito por unanimidade para a Academia Brasileira de Letras – Moacyr conserva ainda um jeitinho de menino aplicado e atento, cercado de livros por todos os lados. A família sempre se importou com arte e cultura: primo Carlos Scliar, pintor; tio Salomão Scliar, fotógrafo; tia Esther Scliar, compositora. E, sabe o Clube de Cultura, ali na Ramiro? Foram os Scliar que fundaram.



A inspiração vem subitamente e pode ser desencadeada por uma notícia de jornal ou por uma história ouvida ao acaso

Moacyr Jaime Scliar nasceu em Porto Alegre, no dia 23 de março de 1937. Os pais vieram da Rússia para trabalhar em colônias agrícolas no interior do Rio Grande do Sul. Chegaram em 1917, quando o projeto já estava em fase de encerramento e as famílias buscavam as cidades. Os que vieram para Porto Alegre foram morar no Bonfim, que se espalhava ao longo do campo da Redenção. Gente muito pobre: alfaiates, sapateiros, marceneiros, vendedores ambulantes.

Moravam em casas minúsculas, baixas e iguais, uma do lado da outra, como as que um tal Cauduro alugava numa viela em ângulo reto, agora conhecida como avenida Cauduro. A avó paterna abriu uma lojinha na Voluntários da Pátria. Tinha nove filhos para sustentar – inclusive José, pai de Moacyr. Os avós maternos montaram uma pequena marcenaria na Fernandes Vieira, a qual depois foi passada para os filhos – inclusive Sara, mãe de Moacyr. No Bonfim, José e Sara se conheceram, casaram e criaram Moacyr, Wremyr e Marili.

Naquele tempo ainda não existia televisão, e a diversão era cara e escassa. Era uma vida com limitações, mas com laços familiares e comunitários muito fortes, os parentes e amigos se reuniam. Se era inverno, iam para a casa de alguém, conversar e tomar chá, hábito russo, ou tomar chimarrão, hábito que os imigrantes logo incorporaram. Se era no verão, colocavam cadeiras na calçada, para conversar e contar histórias. “Meu pai tinha vocação para contar histórias, o que me encantava. Isso me influenciou. Muito cedo, eu sabia que ia contar histórias e também sabia que gostaria mais de escrever essas histórias.”

A mãe, apesar da pobreza, conseguiu fazer o curso Normal no Instituto de Educação e passou a lecionar numa escolinha comunitária do bairro, a Escola de Educação e Cultura, na avenida Osvaldo Aranha, precursora do atual Colégio Israelita. “Ela gostava muito de ler e, quando a Livraria do Globo fazia uma espécie de feira, ela me levava. Era um encanto estar no meio de todos aqueles livros. A vontade que eu tinha era de comprar todos, mas tinha sempre presente o fato de que o nosso orçamento era limitado. Mas a mãe dizia: ‘Pode faltar comida, livro não’. E, assim, tive acesso a Monteiro Lobato, Erico Veríssimo, Jorge Amado.”

Quando criança, Moacyr cruzava com o escritor Erico Veríssimo na avenida Osvaldo Aranha, mas não tinha coragem de falar com ele. Só mais tarde, adolescente, bateu à porta do escritor para mostrar um conto. “Ele me recebeu muito bem, era um homem extremamente gentil, como também o era o Jorge Amado.” O primo de Moacyr, o pintor Carlos Scliar, era muito amigo de Jorge, seu companheiro do Partido Comunista. Até ilustrou alguns livros dele e o hospedava com a esposa, Zélia Gattai, sempre que o casal vinha a Porto Alegre. Zélia conta isso em seu livro de memórias: muita gente ia visitá-los na casa de Carlos Scliar, inclusive um garotinho loirinho muito bonitinho. Era Moacyr.

Hoje ele é amigo de muitos escritores, com os quais se reúne em encontros literários, como o que se realizou recentemente em Parati (RJ). Acha importante esse contato, mas não leva muita fé nessa coisa de vida literária. “Não vou dizer que o escritor melhora porque troca idéias. Na verdade, tem que descobrir o caminho por si próprio. Escrever envolve uma medida de solidão. As pessoas que escrevem freqüentemente sentem a necessidade de entrar em contato com mais gente, gente que escreve, pelo simples prazer da convivência, não para trocar experiências, como acontece num congresso médico.”

HISTORINHAS NO PAPEL

Primário na escolinha do Bonfim, ginásio no Rosário, científico no Julinho, Medicina na UFRGS. Moacyr é muito grato aos professores que teve e que sempre o estimularam a ler e a escrever. Muito cedo ele estava botando no papel as historinhas e as coisas que observava, e que todo o mundo achava “o máximo”. Lá pelas tantas, o pai lhe deu de presente uma máquina de escrever, uma Royal

antiga, usada. Durante muito tempo essa máquina foi sua companheira para escrever. De vez em quando, as historinhas de Moacyr era afixadas no mural do colégio ou saíam em publicações da comunidade judaica do Bonfim. Muito cedo, ele já estava escrevendo.

O interesse pela medicina teve origem diferente: o medo de doença. Não de ficar doente, que disso ele até gostava, porque podia ficar em casa. Mas se assustava muito se os pais adoeciam. E começou a ler sobre enfermidades. Quando chegou a época do vestibular, a Faculdade de Medicina era uma opção óbvia. “Eu era conhecido como estudioso, e todos achavam que eu ia tirar o primeiro lugar no Vestibular de Medicina da UFRGS. Tirei o oitavo. Comecei o curso em 1956 e me formei em 1962.”

Grande parte do que escreveu durante a vida universitária foi publicado no jornal do Centro Acadêmico Sarmento Leite, *O Bisturi*. Quando estava terminando o curso, juntou essas histórias para fazer um livro. Além do talento e do trabalho, teve a sorte de ser amigo de um editor. O livro foi prefaciado por seu professor Rubens Maciel, figura importante da medicina gaúcha, e a capa foi criada pela artista plástica Regina Silveira. *Histórias de um Médico em Formação* foi um êxito de venda. “Primeiro, porque a tiragem era muito baixa; segundo, porque meus pais obrigavam os vizinhos a comprar o livro.”

Moacyr ficou orgulhoso de ver seu nome na capa de um livro. Mas, depois, começou a reler os contos e se deu conta de que aquilo que ele achava que já era literatura, era na verdade a obra de um principiante. “Eu não tinha ainda o domínio sobre a expressão escrita, muitas das histórias estavam mal redigidas, algumas eu nem deveria ter publicado. Isso me deixou muito chateado.” Em consequência, nos seis anos seguintes, ele só escrevia e guardava, não publicava.

Só tornou a publicar um livro em 1968, *O Carnaval dos Animais*. Tinha havido uma mudança drástica no Brasil, com o golpe militar de 1964, e 1968 foi o auge da repressão. “Esse livro, como era hábito na época, era composto por histórias fantasiosas, inspiradas no realismo mágico de Gabriel García Márquez, onde a mensagem política era evidente. Eu usava animais como símbolos de seres humanos que viviam aquela situação da ditadura.” O livro foi premiado pela Academia Mineira de Letras e mereceu um artigo elogioso do crítico Wilson Martins, no jornal *O Estado de S. Paulo*. “Isso facilitou consideravelmente o começo, ou recomeço, da minha carreira literária. Daí não parei mais, foram 68 livros, mais de um por ano.”

Mas conciliar medicina com literatura lhe exigiu muito esforço e até o sacrifício de horas de lazer. Tinha que escolher, por exemplo, entre escrever ou assistir à televisão. Durante muito tempo não teve televisão em casa e aprendeu a se organizar de forma a não perder tempo: se encomendava um sanduíche numa lanchonete, aproveitava o tempo de espera para anotar suas idéias num guardanapo; se tinha plantão, levava junto a máquina de escrever portátil.

Quando conheceu Judith, por intermédio de amigos comuns, Moacyr já era “classe média”. Ela também. Moacyr diz que sempre foi tímido, embora fosse de muitos amigos e muitas namoradas. “Eu tinha uma certa dificuldade de aproximação, era muito tímido, e ainda sou, mas com a Judith não, com a Judith foi afinidade instantânea.” Casaram em 1965 e tiveram um filho em 1979, Roberto, que é fotógrafo, como tio Salomão, e gosta de fotografar bandas de rock. “Judith leciona inglês para médicos e estudantes de medicina. Trabalhamos os dois em casa, eu na minha sala e ela na sala dela. Este apartamento é grande, é um duplex.”

O Rio Grande se mobiliza: para imortal, Moacyr!

Quem lançou a idéia de indicar Moacyr Scliar para a Academia Brasileira de Letras foi a Associação Riograndense de Imprensa (ARI), há uns três ou quatro anos, mas ele declinou da oferta. Só que, periodicamente, pessoas voltavam ao assunto, sobretudo escritores de sua geração que estão na Academia, como João Ubaldo Ribeiro, Néilda Piñon, Carlos Nejar. Este ano, além do convite, houve mobilização no Rio Grande do Sul: a Assembléia Legislativa, a Câmara de Vereadores, a bancada gaúcha na Câmara Federal e no Senado, universidades, escolas, clubes de serviço, jornais, até as pessoas na rua, todo mundo querendo ver Moacyr no fardão de imortal.

“Foi uma adesão maciça, coisa nunca vista na história da Academia”, conta o escritor. “Os acadêmicos com quem falei são unânimes em dizer que nunca tinham visto algo assim. Na hora de visitar os acadêmicos, meu trabalho foi facilitado: uma professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro organizou um coquetel na casa dela e convidou os acadêmicos. Depois, conversei com alguns pelo telefone. Não precisei fazer aquela peregrinação. Além disso, eles ficaram muito impressionados com a mobilização.”

Ele reconhece que a campanha feita pelo Rio Grande do Sul também foi motivada pelo desejo de exorcizar o trauma causado pelo fato de Mário Quintana ter sido preterido na Academia por duas vezes. Outro fato a considerar é que todos os gaúchos eleitos para a Academia viviam fora do Estado. Augusto Mayer, no Rio de Janeiro; Viana Moog também. Moacyr é o primeiro acadêmico do Rio Grande do Sul que mora aqui. “Então, houve uma mobilização muito grande, e isso tudo facilitou muito, fazer 35, 36 votos é raro na Academia.”

Mas ele promete que não vai deixar que a glória lhe suba à cabeça. “Meus planos são de continuar fazendo exatamente o que fiz até agora. Espero que a entrada para a Academia não mude nada na minha vida. Não vou acreditar nessas coisas de imortalidade. Na Academia terei que participar das reuniões semanais. Pretendo ir. E quero ver se existe a possibilidade de fazer um entrosamento cultural entre a Academia e instituições gaúchas, inclusive a nossa universidade, a UFRGS.”

FÃ DE BAURU

“Vou ao cinema, vou a teatro, vou a concertos, exposições. Por futebol não me interessa, até porque o time para o qual eu torcia acabou. Era o Esporte Clube Cruzeiro. Mas pratico esporte, jogo basquete com um grupo de amigos na Associação Cristã de Moços faz uns 30 anos. Enfim, não sou um recluso. Também não sou um *gourmand*. Essas comidas meio estranhas, como frutos do mar, mexilhões, não posso nem olhar. Comida para mim tem que ser a mais simples possível: arroz de carreteiro, churrasco, bauru... sou fã de bauru (bife, queijo, tomate, e alface dentro de um pão cervejinha com maionese).”

MEDICINA E LITERATURA

“A medicina me inspirou muito. No livro *Doutor Miragem*, conto a história de um médico que é seqüestrado e o seqüestrador fica doente. Também escrevi sobre personagens históricas, como o médico Osvaldo Cruz (*Sonhos Tropicais*) e o médico Noel Nutels (*A Majestade do Xingu*). É raro que escreva alguma coisa em que não haja alusão à minha condição de médico. Os aspectos de saúde pública sempre despertam interesse, mas tem outra área da qual gosto muito e sobre a qual já escrevi vários livros, que é a história da medicina. Em *Saturno nos Trópicos*, conto a história da melancolia no Ocidente, mostrando como a civilização ocidental nasce dividida entre a melancolia e a mania.”

OS DEUSES E MOACYR

“Sou judeu, mas não sou religioso: o que me atrai no judaísmo é a fantástica história do povo e a cultura que gerou, a literatura, o teatro, o cinema, o humor. Se não sou um crente, também não sou um ateu militante. Tenho até uma certa inveja das pessoas que têm essa capacidade de acreditar e de confiar seu destino a um poder maior, que têm esse consolo que quem não crê não tem. Como médico, sei que as pessoas que creem têm mais possibilidade de resistir a uma doença grave do que aquelas que não creem. Mas isso não é uma coisa que se possa decidir: a partir de agora, eu creio. As religiões, pelo menos a religião cristã, fala na graça. Recebe a graça e aí passa a acreditar. Eu nunca recebi essa graça, as entidades superiores ficam me devendo essa.”

CONHECENDO A MISÉRIA

“Me lembro do choque que tive quando fui estudar anatomia e vi pela primeira vez os cadáveres para estudos. Eu nunca tinha visto um morto na minha vida. Mais adiante fui trabalhar na Santa Casa, em contato com doentes graves. O curso de Medicina me colocou em contato com a realidade brasileira. Eu vinha de uma família pobre, mas não conhecia a miséria. Fui conhecer a miséria quando comecei a trabalhar nas vilas. Na época, a Previdência Social dava bolsas para internos que trabalhassem em vilas populares. Eu fui, e as coisas que vi realmente me apavoraram. Vi coisas terríveis.”

AVANTE BRASILEIROS

“Os anos 60 foram de grande agitação política, a começar pelo movimento da Legalidade, em 1961, do qual participei ativamente, junto com outros estudantes de medicina. Estávamos na rua, fazendo comícios, mobilizando a população. Quando me formei, em 1962, fiz o discurso de formatura. Como era a tônica da época, o discurso pedia mudanças sociais e foi muito bem recebido. O do ano anterior também tinha sido contestador, como foi o do ano seguinte, 1963. Mas, a partir de 1964 cortaram toda a contestação.”

NAQUELE TEMPO

“Logo depois de formado, fui fazer um concurso público estadual da Secretaria de Justiça. As provas eram realizadas no Palácio da Polícia e havia centenas de médicos inscritos. Estávamos ali, sentados, esperando que começasse a prova quando se aproximou um funcionário, papel na mão, e leu dois nomes, um era o meu, o outro, o de um colega. ‘Os senhores me acompanhem.’ Nos levou até o corredor e disse que não podíamos fazer o concurso. Perguntei por que, e ele respondeu: ‘Não sei, e se fosse vocês não perguntaria’. Mais tarde, tive outro problema. Eu comentava livros num programa semanal da TV Difusora, atual Bandeirantes, e tinha que submeter esses comentários a um censor. Uma noite em que ia comentar um livro que falava do massacre dos índios, a produtora do programa me avisou que o censor não tinha aprovado o texto. Naquela noite, o comentário não foi ao ar.”

SE ESBALDANDO NO TU

“Não sou, digamos assim, um autor gaúcheco, mas a gíria porto-alegrense está presente nos meus livros. O fator principal é o uso do pronome tu, que nos diferencia do resto do Brasil, onde se usa o você. Isso envolve uma certa dificuldade, porque os leitores estranham, mas sempre que posso eu uso o tu. Fiquei muito contente escrevendo o livro chamado *A Mulher que escreveu a Bíblia* porque a linguagem bíblica usa o tu, e eu pude me esbaldar.”

UMA REVELAÇÃO

“Quando fui trabalhar no Hospital Sana-tório Partenon, entrei em contato com o problema da tuberculose, que me mostrou que, mediante um trabalho de saúde pública organizado, é possível tratar de uma doença na população. Isso, para mim, foi uma revelação. E resolvi trabalhar em saúde pública. Trabalhei toda a minha vida na Secretaria da Saúde do Rio Grande do Sul. Atualmente estou aposentado, mas dou aula sobre saúde pública para os alunos da Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre (antiga Faculdade Católica de Medicina).”

RECARREGAR BATERIAS

“Gosto da minha vida assim como ela é e pretendo continuar minha trajetória. É claro que, aos 66 anos, já não tenho mais a energia da juventude, não consigo mais passar uma noite acordado, escrevendo, e no dia seguinte ir trabalhar, como fazia quando tinha 20 anos. É mais fácil escrever agora do que antes, tenho maior domínio da palavra. Mas aquele vulcão de criatividade era maior antigamente. Não tenho nenhum tema na cabeça. Acabei de escrever *Saturno nos Trópicos* e nesse momento estou, digamos, recarregando as baterias.”

O coração em Porto Alegre e a perna no mundo

Apassionado por Porto Alegre, Moacyr não pretende sair daqui. “Porto Alegre tem mistérios, coisas surpreendentes a serem desvendadas, como o templo positivista da avenida João Pessoa, as ruínas da Cidade Baixa, a Galeria Chaves, essa arquitetura do centro da cidade, mistura de colonial com europeu. Não tem praia de mar, não tem paisagem, mas é a minha cidade, em cada rua se encontra uma história.”

Com raízes bem plantadas, ele pode se soltar pelo mundo, rever amigos e conhecidos em vários países, onde muitos de seus livros já foram traduzidos. Moacyr fica feliz quando, no exterior, um leitor se refere a Porto Alegre ou ao Rio Grande do Sul, lugares sobre os quais talvez nunca tivesse ouvido falar se não fosse por seus livros.

Certa vez, no metrô de Nova York, viu uma moça lendo um livro seu, *A Estranha Nação de Rafael Mendes*, em inglês. Teve ganas de levantar e ir dizer a ela que era o autor daquele livro. Mas não teve coragem:

“E se ela considerasse assédio sexual? E se ela dissesse: Ah, foi tu que escreveu esta porcaria?”

Atualmente, ele dá aulas, produz uma página dominical no jornal Zero Hora, faz conferências, dá palestras e, quando pode, escreve histórias. Só que não mais numa velha máquina de estímulos e sim num computador. A troca aconteceu em 1993, quando era professor visitante numa universidade estadunidense. O filho, que estava com 13 para 14 anos, decidiu que era hora de Moacyr abandonar a velha Royal, presente do pai, e a Lettera 22, que ele levava onde fosse.

“Roberto me levou numa loja e me fez comprar um computador, que ele já tinha escolhido. E me ensinou a usar o aparelho. Coisa muito simples: quando vi, já estava trabalhando nele. Também uso o computador para acessar a Internet. Para mim, a tecla mais importante é a delete. Antes eu tinha pena de apagar o que tinha escrito. Agora não: deletar é tão simples. Tenho também um laptop, que levo em todas as minhas viagens.”

